

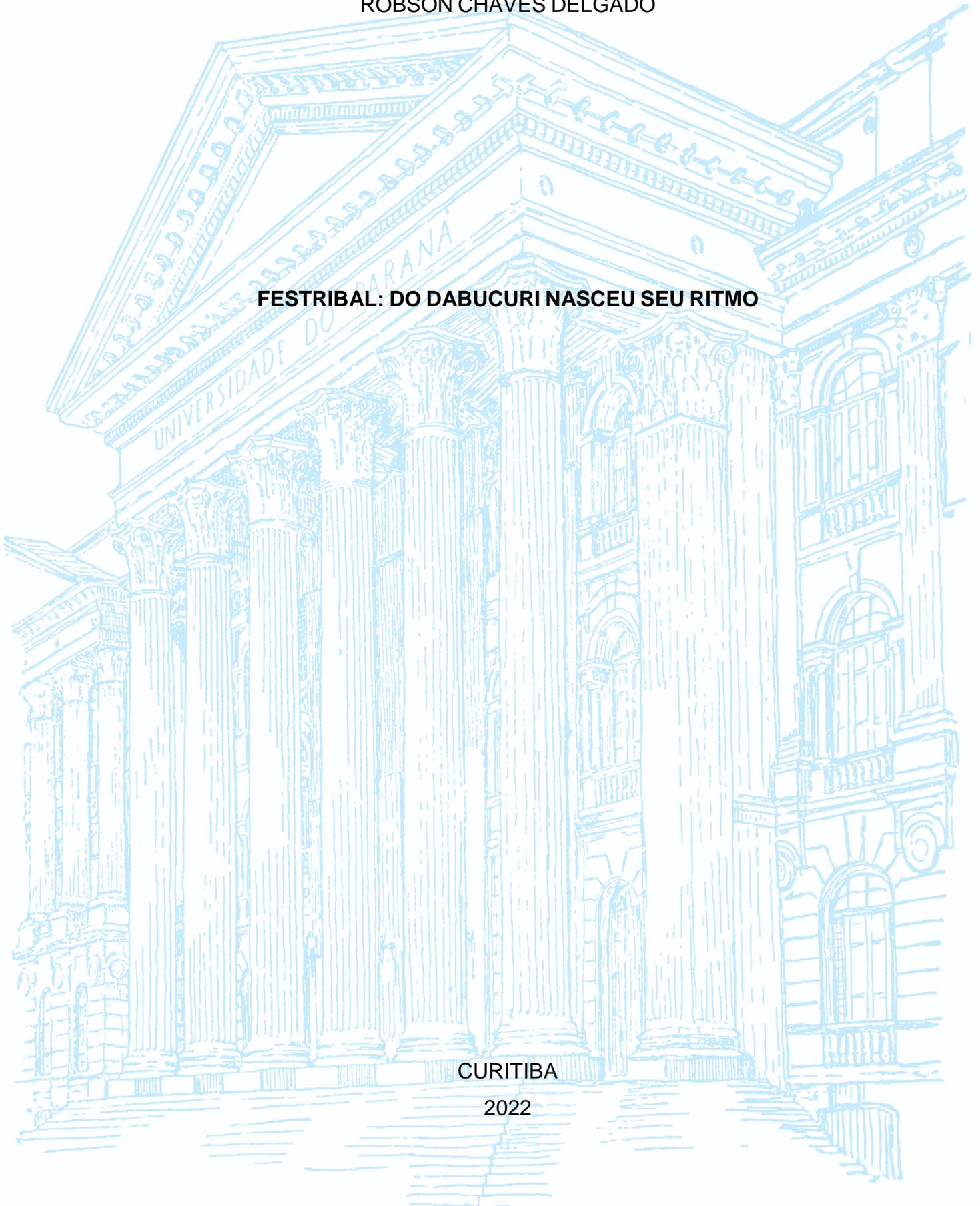
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ROBSON CHAVES DELGADO

FESTRIBAL: DO DABUCURI NASCEU SEU RITMO

CURITIBA

2022



ROBSON CHAVES DELGADO

FESTRIBAL: DO DABUCURI NASCEU O SEU RITMO

Trabalho acadêmico apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, como requisito parcial para graduação no curso de Jornalismo, do Departamento de Comunicação Social, Setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná.

Orientação: Prof. Dr. Marcelo Garson Braule
Pinto

CURITIBA

2022

Dedico este trabalho primeiramente à minha mãe a quem tanto amo, que me incentivou a cada passo dado dentro e fora da vida acadêmica. Em segundo lugar aos meus irmãos, Marcilene e Romário Delgado, essenciais na minha vida. Dedico também aos indígenas que lutaram por nossos direitos e não estão mais entre nós.

RESUMO

A cidade de São Gabriel da Cachoeira, interior do Amazonas, possui a maior diversidade étnica indígena do Brasil, são 23 povos que vivem no extremo noroeste do estado. Por toda essa diversidade cultural é lá que está a festa mais indígena do país, o Festival dos Povos Indígenas do Alto Rio Negro mais conhecido como *Festribal*, que é tema principal do Documentário *Festribal: Do dabucuri nasceu seu ritmo*, realizado por mim, Robson Delgado, com o objetivo de contar que a festa reúne originalidade, cultura, dança, beleza e alegria das etnias que ali residem, conta as histórias de sua gente e suas representatividades. Esta monografia resulta da pesquisa realizada para a execução desse documentário.

Palavras-chave: Documentário. Cultura Indígena. *Festribal*. São Gabriel da Cachoeira. Amazônia. Folclore. Festa.

ABSTRACT

The city of São Gabriel da Cachoeira, in the interior of Amazonas, has the greatest indigenous ethnic diversity in Brazil, with 23 peoples living in the extreme northwest of the state. For all this cultural diversity, it is there that the most indigenous festival in the country is held, the Festival of the Indigenous Peoples of the Alto Rio Negro, better known as *Festribal*, which is the main theme of the Documentary *Festribal: Your rhythm was born from dabucuri*, performed by me, Robson Delgado, with the objective of telling that the party brings together originality, culture, dance, beauty and joy of the ethnic groups that live there, tells the stories of its people and their representations. This monograph results from the research carried out for the execution of this documentary.

Keywords: Documentary. Indigenous Culture. *Festribal*. Sao Gabriel da Cachoeira. Amazon. Folklore. Party.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 FESTIBAL	8
2.1 METODOLOGIA DO DOCUMENTÁRIO	15
3 REPRESENTAÇÕES	17
3.1 REPRESENTAÇÕES INDÍGENAS	21
4 DOCUMENTÁRIO	25
4.1 DOCUMENTÁRIO NO BRASIL	27
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
APÊNDICE 1 - MONTAGEM/ROTEIRO DE EDIÇÃO	36

1 INTRODUÇÃO

Da simplicidade da comida até o mergulhar nas águas do Rio Negro faz da vida do indígena de São Gabriel da Cachoeira no noroeste do estado do Amazonas ter histórias que devem ser contadas para todo o mundo. A cultura indígena de batizar seus filhos com nomes indígenas, o benzimento do pajé para proteção das pessoas, o jurupari que é um espírito ruim, o boto que se transforma em homem para seduzir mulheres e até o ritual de ciclo de crescimento de uma menina para mulher são tradições e histórias que permeiam a cultura do Gabrielense. Essas histórias são o ponto de partida para serem contadas nas apresentações do Festival dos Povos Indígenas do Alto Rio Negro, o *Festribal*. O documentário "*Festribal: Do Dabucuri nasceu seu ritmo*" tem uma forte ligação comigo, benzido assim que nasci pelo avô materno, batizado com o nome indígena Murutinga, que traduzindo da língua nheengatu quer dizer -branco, tranquilidade, calma-. Filho de pai da etnia Baré e mãe da etnia Tukano, cresci sabendo que minha etnia é a Baré, pois os filhos herdaram a etnia do pai, assim como cresci vendo minha mãe tecer o tucum e transforma-lo em belos cestos, bolsas, colares etc. A cultura indígena faz parte de mim desde o momento que nasci. Ver meu primo nascer de um parto realizado pela minha avó materna fez com que eu me sentisse ainda mais conectado com as minhas raízes; Tudo isso que cito fez com que meu processo de identidade fosse sendo construído a cada vivência e contado com meus familiares.

O *Festribal*, tema central deste trabalho também me ajudou nesse processo de identidade, cresci assistindo às apresentações das agremiações e, nas brincadeiras de criança, imaginar a minha apresentação era uma das partes mais divertidas, meus amigos e eu cantávamos as músicas e fazíamos nossas indumentárias indígenas com folhas de açaí.

Naquelas brincadeiras jamais imaginaria que dos 11 aos 19 anos de idade iria fazer parte da Agremiação Cultural Tribo Baré, que ao longo desses oito anos de Baré participei das disputas como parte da tribo, como destaque coreografado, destaque individual e como o item de indígena guerreiro.

A emoção de pisar no tribódromo cantando e dançando as músicas da agremiação são sensações que só quem vive o *Festribal* sabe como é. Os ensaios na chuva, os preparativos das indumentárias e as pinturas corporais que minha mãe fazia em mim são uma das justificativas para eu querer falar sobre o *Festribal*.

Dadas minhas justificativas pessoais em relação ao tema, temos que falar sobre as razões sociais e profissionais de se fazer um documentário sobre o evento, já que São Gabriel da Cachoeira também conhecida como “Cabeça do Cachorro”, por seu formato ter a semelhança da cabeça do animal, tem uma importância relevante para discussões indígenas, como, por exemplo: demarcação de terras indígenas, mineração, saúde indígena, biodiversidade e diversidade cultural. Por estes motivos fazer um documentário serve não apenas para um registro audiovisual do evento, mas também para que qualquer meio de comunicação observe o seu poder de gerar mudanças e visões muitas vezes distorcidas do que é ser indígena, além de possuir uma importância no resgate histórico de uma cultura e de uma cidade. Em casos de comunidades indígenas, muitas tradições foram desaparecendo desde a chegada dos portugueses. No caso das culturas existentes é necessário dar protagonismo a essas pessoas, para que seus aspectos tradicionais não sumam. E por isso um produto audiovisual é o produto escolhido por mim para mostrar a história de uma festa importante para muitas pessoas, destacando sempre o meu povo, a comunidade indígena.

Esta monografia é composta por três capítulos: no primeiro tratamos da festa que é *Festribal* e a metodologia que usei para gravação do produto, no segundo de representações midiáticas de grupos minoritários como as pessoas trans, asiáticos e indígenas, finalizando com o capítulo sobre o gênero documentário e de como funciona no Brasil.

2 FESTRIBAL

Sabemos que o Brasil tem grande parte da população com raízes de diversos lugares do mundo. Na região amazônica, da miscigenação dos povos originários com os brancos, pretos e entre as próprias etnias indígenas foram se formando diversas outras nomenclaturas e costumes. Um termo utilizado para definir a população geral nascida nas terras da floresta amazônica é o **amazônida**, que significa "indivíduo particular ou característico da Amazônia (floresta)". O amazônida pode ser também sinônimo de amazonense, gentílico das pessoas nascidas no estado do Amazonas. Dentro da expressão amazônida estão incluídos os *quilombolas, caboclos, seringueiros, ribeirinhos, cafuzos, brancos e indígenas*.

A cidade de São Gabriel da Cachoeira é um dos sessenta e dois municípios que formam o maior estado do território nacional, o Amazonas. A região conhecida como Cabeça do Cachorro limita-se ao norte com os países da Colômbia e da Venezuela e ao sul, com os municípios de Santa Isabel e Japurá. Alguns distritos do município se destacam por ficarem em pontos estratégicos, como: Cucuí, Iauaretê, Içana, Pari-cachoeira, Maturacá, Taracú e Querari. Existem também mais de sessenta comunidades espalhadas nas calhas de seus rios. É considerado o terceiro maior município do Brasil em extensão territorial, 112.255 quilômetros quadrados, correspondentes a 7,18% da área total do estado, dos quais mais de 80% são terras indígenas demarcadas e regularizadas.

São Gabriel da Cachoeira tem a população de 47.031 habitantes, segundo dados do IBGE de 2020, é o município com maior concentração de indígenas, de cada 10 habitantes 8 são indígenas. Existem também 23 etnias espalhadas pela região: Arapaso, Baniwa, Barasana, Baré, Desana, Hupda, Karapanã, Kubeo, Kuripako, Maku, Makunã, Miriti-tapuya, Potiguá, Siriano, Taiwano, Tariano, Tukano, Tuyuka, Wanana e Yanomami. Essas etnias são pertencentes a cinco famílias linguísticas, o Tukano Oriental, Aruak, Yanomami, Japurá-Uaupés (Maku) e Tupi (Nheengatu falado pelos povos Baré, Warekena e parte dos Baniwa do baixo Rio Içana).

Percebemos que os amazônidas nessa região são caracterizados em sua maioria pela população indígena, toda essa diversidade relacionada aos povos indígenas faz com que sua cultura seja voltada em sua maioria para festividades

desse grupo social. Como é o caso do evento mais aguardado do ano na cidade, o Festival Cultural das Tribos do Alto Rio Negro, o *Festribal*. A festa atrai pessoas do Brasil inteiro: jornalistas, antropólogos, pesquisadores e turistas. Através do decreto-lei nº 024, de 13 de maio de 1996, com o objetivo de valorizar, desenvolver, difundir e homenagear os hábitos culturais das etnias indígenas da região (Câmara Municipal de SGC, 2015), que são o tema central do evento, ficou instituído definitivamente no calendário de festividades do município o *Festribal*. “O *Festribal* será uma manifestação anual que se realizará no período de 20 a 29 de setembro, coincidindo o encerramento com o dia do Padroeiro da cidade, Arcanjo Gabriel.” (GONÇALVES, 1996)

Centenas de pessoas foram envolvidas na organização daquele histórico 1º *Festribal*. Foi criado um corpo organizacional do evento através das comissões executiva e coordenadora e das subcomissões de infraestrutura, apoio logístico, saúde, esportiva e segurança. A coordenação geral do evento ficou a cargo de Salomão Moreira Aquino e com membros das comissões Marco Antônio Souza de Oliveira, Francisco de Assis de Araújo Costa, Rodolfo Otero Gonçalves, Luis dos Santos França e Maria Olga dos Santos Dantas. Destacando ainda pioneiros da festividade, Maria das Graças Otero Gonçalves, Valdemir de Andrade França, José Carlos Colares, Maria da Conceição das Graças Albuquerque e tantos outros que participaram da ideia que gerou muitos frutos.

Para a música que demonstrasse a identidade dos povos indígenas da região do Alto Rio Negro foram contatados os melhores profissionais da área musical que usaram da criatividade para criar uma música inédita que deu ritmo ao *Festribal*. Os responsáveis pelo ar colorido foi o grupo musical Ycuema, do qual era formado por: Sérgio Dantas, Enaldo Gama, Nilton Gonçalves, o Pitoco, Joelmir Gonçalves e Daniel Rodrigues. O local de seu nascimento foi no sítio Parauarí do prefeito da época e um dos principais idealizadores do evento, Juscelino Otero Gonçalves.

Foi lá no sítio Parauarí que fizemos o ritmo do *Festribal*. Peguei a turma e discutindo na mesa, disse que deveria ser um ritmo diferente, mas regionalizado que não fugisse da nossa identidade. E disse também que deveria ser o próprio Dabucuri, fiz o ritmo na mesa e o Pitoco fez uma nova batida a partir dos meus batuques na mesa. De lá começamos a dançar o

dabucuri. Foi assim que nasceu o ritmo do *Festribal*. (GONÇALVES, 2010. p. 05)

Foram feitos inúmeros encontros para definir ainda toda a identidade visual, reuniões, troca de experiência e pesquisas intensas em vários lugares da região para abraçar as 23 etnias que vivem na região do Alto Rio Negro. Os artistas plásticos responsáveis na época eram os irmãos Eduardo, Marcos, Nertan e Heber Dutra de Araújo. Juntos deram vida às imagens de paisagens naturais, pinturas corporais e artesanato indígena.

O primeiro *Festribal* foi marcado com apresentações de diversos grupos de diferentes etnias os Yanomamis, Tukanos, Barés, Tuyucas, Baniwa e os Desanos formavam os grupos indígenas que vinham de localidades como o Alto, Médio e Baixo Rio Negro. Por ser um evento que atrairia muitas pessoas foi criado o Centro Cultural, Folclórico, Artístico e Desportivo do Alto Rio Negro (Formados por uma quadra de esportes Arnaldo Coimbra e um campo de futebol da liga esportiva). Como marco inicial do *Festribal* foi colocado um monumento de pedra granito defronte ao ginásio Arnaldo Coimbra, local da realização do evento, a cabeça de um homem indígena, feita pelo artista J.Ribeiro.

O festejo que ocorria no final do mês de setembro passou a ser no dia 19 de abril por alguns anos, já que nesta data comemora-se o dia dos Povos Indígenas. A segunda mudança de data que permanece até hoje aconteceu devido às comemorações da cidade, do estado e do Brasil, já que a semana escolhida é bastante movimentada pelos feriados existentes. A primeira semana de setembro tem uma grande representação para os gabrielenses, amazonenses e brasileiros, no dia 03 de setembro é o aniversário de São Gabriel da Cachoeira, no dia 05 é o aniversário de emancipação política do estado do Amazonas e por fim o dia 07 de setembro marca a data da independência da República do Brasil. Este período do mês tem movimentos econômicos, culturais e históricos para os moradores e visitantes. A festividade que teve início no ano de 1996 ocorreu ininterruptamente até o ano de 2019. Durante esses anos houve muitas mudanças como: variação de ritmos, definição de temas, incrementos artísticos à modernização e enfraquecimento da

identidade. Mas a cada ano surgia também a vontade de potencializar e difundir a diversidade cultural da região, o objetivo para o nascimento do festejo.

O surgimento das Agremiações Culturais dá-se em função de tornar o evento ainda mais cultural e divertido para todos. Elas traziam seus dançarinos, destaques, coreógrafos, músicos, artistas, alegorias e suas equipes para apresentar por uma hora e meia seu enredo escolhido que poderia consistir em uma homenagem a alguma etnia ou a encenação de uma lenda indígena, representada de um jeito carismático e original. Já que elas disputariam entre si o título de campeã do *Festribal*, todo o evento é centralizado nas noites em que cada agremiação faz a sua apresentação. Durante 23 anos de existência quatro agremiações transitaram pela celebração indígena: Agremiação Cultural Tribo Waupés, Agremiação Cultural Tribo Tukano, Agremiação Cultural Rio Negro e Agremiação Cultural Tribo Baré.

A **Agremiação Cultural Tribo Waupés** foi fundada ainda em 1995, um ano antes do *Festribal*, com o objetivo de resgatar e divulgar a cultura das tribos do Alto Rio Negro e promover o intercâmbio cultural de comunidades indígenas locais e de municípios vizinhos. Seus principais fundadores foram Valdemir de Andrade França, Vicente Linhares, Estanislau Pereira de Jesus, Lúcia Alberta de Andrade, Joel Brazão, Lucineide Nascimento e Fortalecimento e outros diretores diretos e indiretos. A associação Waupés foi a primeira campeã do *Festribal* e já conquistou também três títulos: 1999, 2000 e 2003.

A primeira Kunhã-Puranga do *Festribal* foi Alvimar Cadema, em 1996 que concorria ao título pela Waupés. Sua desenvoltura na quadra fez com que outras regiões se encantassem por ela, em 1998 e 1999 surgiram convites para fazer apresentações no Festival do Peixe Ornamental, no município de Barcelos (AM). Também chamada para o Festival Folclórico de San Carlos, na Venezuela, em 1999. Sua despedida da disputa aconteceu em 2005, quando a agremiação fez sua última e emocionante apresentação. (ALVES, 2015. p. 315)

Criada no mesmo ano da festividade (1996), a **Agremiação Cultural Tribo Tukano** apareceu especialmente para o *Festribal*. No seu estandarte predominam as cores preto e amarelo em referência ao animal natural da região amazônica, além de sua homenagem a uma das principais etnias indígenas que cercam São Gabriel da Cachoeira. Seu primeiro presidente foi Gilberto Santana Delgado, junto com Maria da

Conceição de Almeida, José Célio de Carvalho Melo, Marçal Tupinambá de Albuquerque e Odilce Fátima formavam o time idealizador da Tukano. A associação fez sua apresentação no primeiro *Festribal* e nos quatro anos seguintes ficou ausente, voltando somente em 2001, na 6ª edição do evento, tornando-se campeã somente em 2006.

Quem passou por várias reformulações foi a Agremiação Cultural Rio Negro, que devido à desistência da Tukano teve sua origem no dia 03 de março de 1997, para dar continuidade a disputa, porém por ser criada muito rápido e sua falta de preparo foi decidido que nenhuma agremiação se apresentasse para uma nova disputa naquele ano e no ano seguinte (1997 e 1998). A grande estreia da Rio Negro aconteceu em 1999, no comando de Lúcia Alberta, Arminda Denis e Vicente Linhares. Nos anos 2001, 2002 e 2004 levou o título de campeã, levando seu destaque por toda região amazônica fazendo apresentações no Festival do Peixe Ornamental e representando São Gabriel da Cachoeira em eventos na Venezuela. Em 2005 deixou de participar da grande festa e ficou numa pausa de 13 anos, voltando às quadras em setembro de 2018. Atualmente chamada de **Agremiação Filhos do Rio Negro**, nome que desde seu nascimento é uma homenagem a todas as etnias do Rio Negro.

A mais nova de todas as agremiações é formada em 2003, com o objetivo de revitalizar a cultura de seu povo, a **Agremiação Cultural Tribo Baré**, que homenageia a etnia que leva seu nome, Baré. Dois anos após sua criação, em 2005 levou o título de campeã. De 2003 até os dias atuais, seus fundadores Terezinha Eufelia Dutra, Leopoldo José Texeira, Ivanete da Silva Pimenta e J. Francelino tem grande relevância para o atual presidente Fábio Farias.

Em 2005 em decorrência de quatro agremiações estarem competindo entre si, e demandar muito tempo, dinheiro, logística e organização foi estabelecido pela comissão de organização do *Festribal* que as duas primeiras colocadas da disputa poderiam continuar a se apresentar no *Festribal*. As duas últimas colocadas se despediram, sendo essas as Agremiações Waupés e Rio Negro deixaram a competição. A única agremiação que voltou à competição foi a reformulada Agremiação Cultural Filhos Rio Negro, depois de um hiato de 13 anos.

Como já vimos, o *Festribal* é realizado na primeira semana de setembro e toda a logística e organização é feita minuciosamente para que nada de errado possa acontecer e prejudicar cada dia de evento. É organizada pela Secretaria de Turismo e Cultura (SEMATUR), com um cronograma específico para cada dia, como mostra a tabela abaixo:

CRONOGRAMA		
DIA	ATIVIDADE	RESPONSÁVEL
1º DIA	Momento solene e escolha da Miss SGC	Comitê Organizador
2º DIA	Disputa das Cunhãs-Puranga	Comitê Organizador
3º DIA	Apresentação	Agremiação Do Dia
4º DIA	Apresentação	Agremiação Do Dia
5º DIA	Apresentação	Agremiação Do Dia
6º DIA	Apuração dos pontos	Comitê Organizador

Destrinchando os cinco dias mais importantes do *Festribal*, passamos por momentos mais “colonizados”, como é o caso do primeiro dia da festa, que começa com a solenidade de abertura pelo prefeito da cidade, discursando sobre a importância do *Festribal* e dando boas vindas aos visitantes. Logo depois é realizado apresentações de grupos independentes de danças indígenas, como: Dança do Veado, Cariçu, Japurutu, Maracá, Capivaiá, etc. Na mesma noite é feita a escolha da Miss São Gabriel, bem semelhante aos concursos televisionados.

O segundo dia do *Festribal* tem como centro, a disputa da Cunhã-Poranga, traduzindo da língua nheengatú, *menina bonita*.

A moça precisa ter entre 16 e 25 anos de idade, comprovadamente ser nascida em São Gabriel da Cachoeira e não ter filhos. A vencedora ganha o título de “índia mais bonita da tribo”. Na disputa são analisados os quesitos de beleza, simpatia, desenvoltura e performance. Ganha aquela que apresentar a melhor indumentária relacionada ao traje de uma das 23 etnias do Alto Rio Negro e, obviamente, a que tiver um bom desempenho em beleza, simpatia e desenvoltura de uma típica menina indígena que vive em aldeia/comunidade. (SOUZA, 2019. p. 76)

Na terceira, quarta e quinta noites temos a competição entre as Agremiações Culturais Baré, Tukano e Filhos Rio Negro. Essa disputa se assemelha com as manifestações culturais brasileiras mais conhecidas de outras regiões do país como o carnaval do Rio de Janeiro e São Paulo, as disputas de quadrilhas em Campina Grande e o Festival do Boi Bumbá de Parintins.

A competição é julgada a partir de quesitos específicos como: Alegoria, Coreografia, Evolução, Cunhã-Poranga, Letra e música, Originalidade, Porta-Estandarte, Rainha do Artesanato e Ritual do Pajé. Esses itens valem notas de 0 à 10. No dia da apuração a agremiação que tiver o melhor resultado leva o título de campeã do *Festribal*.

O evento engloba vários setores da cidade, sendo uma delas a economia. Várias associações e comunidades vendem seus artesanatos nas noites da festa, como por exemplo a Associação de Artesãos Indígenas (ASSAI). No setor esportivo, a Liga de Esportes da cidade aproveita o momento e faz campeonatos de esportes que envolvem técnicas indígenas, como: arco e flecha, canoagem, tiro ao alvo com zarabatana etc. E também citamos o turismo, São Gabriel da Cachoeira já é atraente por si só, com suas paisagens naturais e história, mas a festa traz ainda a visita de inúmeros forasteiros.

Falar sobre o *Festribal* atualmente tem grande importância por três fatores que julgo principais: a) o resgate histórico, tendo em vista o valor cultural para a história da cidade; b) a valorização da cultura local, já que o município abriga 23 etnias diferentes e falar sobre este evento pode a tornar referência dentro da comunidade indígena; c) a discussão das temáticas indígenas da brasileiras, como a discussão de demarcação das terras indígenas, sendo um exemplo de região que é quase totalmente demarcada.

É perceptível a todos que vivenciam a experiência do *Festribal* que a festividade muda a cidade tanto em sua rotina como na alegria das pessoas. Sua simbologia é tem impacto social nas narrativas míticas, culturais e identitárias e impulsionam o modo de vida das comunidades e visão da própria identidade dos que crescem dentro daquela sociedade.

Entrevistando a ex Cunhã-Puranga da Agremiação Cultural Tribo Baré, Duanny Henrique (2013-2015), às suas falas refletem a visão dela e de muitos gabrielenses sobre o *Festribal*, como mulher indígena, como brincante de uma agremiação e cidadã de São Gabriel da Cachoeira, “Eu acredito que o indígena ainda encontra barreiras para conseguir um espaço na sociedade atual. Por isso o *Festribal*, sendo o maior evento cultural, reunindo a maioria dos povos indígenas da região é importante, é o lugar para celebrar a diversidade cultural dos povos indígenas do Alto Rio Negro. Além de movimentar a cidade em inúmeros sentidos. Com o *Festribal* a gente pode mostrar a força, a beleza e o empoderamento o que é ser indígena e ao mesmo tempo podemos estar em todos os lugares da sociedade.”

2.1 METODOLOGIA DO DOCUMENTÁRIO

O documentário *Festribal: Do dabucuri nasceu seu ritmo*, foi produzido durante os meses de janeiro e fevereiro de 2022. Foram doze (12) dias de gravação no município de São Gabriel da Cachoeira (SGC), e cinco (5) dias para captação de arquivos sobre o evento. Foram gravados alguns *takes* das paisagens da cidade e as entrevistas. Apesar de os enquadramentos obedecerem a um padrão, os cenários variam bastante. Os lugares usados são importantes dentro da cidade, como: Associação de Artesãos Indígenas (ASSAI), Diocese de SGC, Instituto Socioambiental (ISA) entre outras locações.

A equipe de gravação e pós-produção foi composta por uma única pessoa, eu, Robson Delgado. Porém não devo deixar de agradecer às pessoas que me deram apoio moral me acompanhando durante as filmagens, meu irmão Romário Delgado e minha mãe Olga Maria Fonseca Chaves. O pedido para autorização da filmagem em lugares privados, a exemplo da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN), foram realizadas antes da minha chegada, na cidade, pela minha amiga, Érika Dinniz a quem também agradeço.

Para a captação de imagens, foram utilizadas uma câmera FULL HD, 1920X1080, Panasonic. A lente 35.8MM WIDE POWER. Para a captação de áudio, foi utilizado um microfone lapela Boya M1 e um celular Samsung A22. Foram utilizados também um tripé e um drone DJI Phantom 3 Standard para captação de

imagens aéreas. Quanto à iluminação, nenhum tipo de luz artificial foi utilizada durante as gravações para dar uma estética mais natural. Guiadas por mim, as fontes puderam falar sobre sua relação com o *Festribal*, sua trajetória com a festa, sua preparação e o que representam nas apresentações. A iluminação oscila em alguns *takes* por causa da luminosidade natural do dia em que foi gravado. O áudio por sua vez passou por alguns reparos, apesar de usar lapela, o som externo aparece em alguns momentos, sons de carros, animais e cachoeiras estão presentes não atrapalhando muito o produto.

Todas as gravações das entrevistas foram transcritas para facilitar a escolha dos trechos que seriam selecionados para a versão final do documentário. A montagem do roteiro se iniciou no final de fevereiro e início de março, a fim de costurar as falas das fontes, divergentes em muitos aspectos. Construir um texto coerente e uma narrativa especial em cima dos depoimentos foi um desafio dentro da produção, pois o evento, gigantesco, foi resumido em alguns minutos. A edição e a finalização foram feitas durante o mês de março e abril, não utilizando grandes intervenções na pós-produção, apenas correções de áudio.

A trilha sonora incluída no documentário está presente em vários momentos: no início, na cerimônia do dabucuri, no som do cariçu e nas apresentações das associações e no final. As músicas escolhidas para abertura, que são duas, são o som do cariçu e a música cunhã poranga da Associação Cultural Tribo Tukano. Já para o final a música é “A Grande Festa” também da Tukano. O título do documentário, *Festribal: Do dabucuri nasceu seu ritmo*, foi escolhido pela relação entre o *Festribal* ter sido criado a partir da música do dabucuri. Esse ritmo pertence à maioria das etnias de São Gabriel da Cachoeira.

A autora Márcia Carvalho afirma que as temáticas mais comuns na produção de documentários para TV e cinema são “as histórias de guerras; biografias (principalmente de personalidades da cultura e da política); reflexões sobre novos comportamentos, sobre a violência ou a sexualidade; ou ainda, a exploração do mundo animal; dos avanços científicos e das crises ambientais.” (CARVALHO, 2006, p. 03). As inspirações para a minha produção foram documentários biográficos e séries documentais de cantores, como: Part of me (Katy Perry), Gaga: Five Foot Two

(Lady Gaga), Vai Anitta e Made in Honório (Anitta), Miss Americana (Taylor Swift), Homecoming (Beyoncé) e uma grande produção para a TV, o Victoria Secret Fashion Show.

Dentro dessas inspirações, a produção do documentário tem uma característica em comum, as cenas de entrevistas são seguidas pelas apresentações do *Festibal* de 2019, imagens essas cedidas pela prefeitura da cidade de São Gabriel da Cachoeira. Sendo assim, as cenas seguem da seguinte maneira: depoimento e performance das inúmeras representatividades apresentadas no show das Associações Culturais.

3 REPRESENTAÇÕES

A forma que discutimos as representações de povos, raças e pessoas atualmente é muito diferente da forma que o assunto era citado há alguns anos atrás. As representações midiáticas acompanharam essa discussão da mesma forma que a sociedade evoluiu. Mulheres, negros, asiáticos, LGBTQIAP+ dentre tantos outros grupos sociais eram representados, e ainda são, por algumas produções de foram estereotipada e muitas vezes circundando o preconceito.

Diante disso, a questão da representação torna-se tema de debates. Stuart Hall, em sua obra *Cultura e Representação*, discorre sobre representação, sentido e discurso. Um dos aspectos abordados é a linguagem e seu “sistema de representação envolvido no processo global de construção de sentido”, sobre o qual os signos se organizam. Estes “indicam ou representam os conceitos e as relações entre eles que carregamos em nossa mente e [...], juntos, constroem os sistemas de significado da nossa cultura” (HALL. 2000, p. 37)

Devemos refletir que em muitos casos essas representações fazem com que as pessoas tenham uma visão errada desses grupos “marginalizados”, no livro *Crítica da Imagem Eurocêntrica (Multiculturalismo e Representação)* de Ella Shohat e Robert Stam podemos ver que “... estudos sobre as representações étnicos/raciais e colonial nos meios de comunicação tem sido ‘corretivos’” isso porque veem que “... de um jeito ou de outro ‘cometeram algum erro histórico, biográfico ou de outro tipo’” (SHOHAT e STAM. 2006, p. 261)

Shohat e Stam seguem falando ainda que “...muitos grupos oprimidos usaram o ‘realismo progressista’ para desmascarar e combater as representações hegemônicas, contrapondo aos discursos reificadores da sociedade patriarcal e do colonialismo a uma visão de si mesmos e de uma realidade da perspectiva ‘de centro’”. (p. 264)

Dando como exemplos as representações midiáticas de alguns grupos sociais, podemos citar a comunidade LGBTQIAP+, que retratou por muitos anos as pessoas transsexuais de maneira preconceituosa, usadas apenas para o gênero de comédia, o que gera uma visão negativa. Essas pessoas vivem um processo que hoje discutimos com mais seriedade, dando o destaque às pessoas que realmente vivem

esse processo. Nas novelas da Rede Globo por exemplo, personagens como Ana Girafa (*Aquele Beijo*), Sarita Witt (*Explode Coração*) e Hilda Furacão (*Cintura Fina*) traziam histórias e vivência de mulheres transsexuais/travestis de forma cômica, e ainda nesses casos, trazendo uma outra problemática, a falta de representatividade da própria comunidade, pois os atores que interpretavam esses personagens eram homens cisgênero.

De 2015 em diante, vimos uma outra maneira de abordar esta temática, a transgeneridade aparece nas produções audiovisuais de forma mais real, os grandes conglomerados de comunicação entenderam que era hora de deixar de lado as características ultrapassadas. Um grande exemplo é o filme “A Garota Dinamarquesa”, que apesar de ser interpretado por um homem cisgenero retratava o assunto em formato mais sério, passando uma mensagem do que uma pessoa transgênero passa em sua vida.

A própria Rede Globo, que por muitos anos passava uma imagem do que era ser trans como citado acima, acompanhou as discussões sociais e teve produções dramatúrgicas como: “A Dona do Pedaço” com a personagem de Britney, interpretada pela atriz trans Glamour Garcia, a série “Segunda Chamada” com a atriz e cantora Linn da Quebrada interpretando a Natasha e, em 2020, na novela *Bom Sucesso* a personagem de Michelly (Gabrielle Joie); todos esses personagens ressaltaram o assunto da transgeneridade de formas diferentes, como a vivência de uma adolescente trans e problemas de relacionamento que Michelly passava.

As grandes produtoras de conteúdo audiovisual estão ligadas à mudança social e nas discussões que são relevantes nas épocas que estão vivendo. Por mais que movidos pelo capital que elas ganham, elas também são de grande valia quando fazem contribuições de mudanças no cenário que estão inseridas. Documentários como *Revelação*, da Netflix, são avanços para a comunidade Trans, já que abordam a representatividade da comunidade transgênero em produções para o audiovisual e sua relação com as atitudes em relação a pessoas trans na sociedade.

Podemos incluir ao assunto, o grupo dos asiáticos que ainda lutam bastante para que sua forma de representação mude dentro dessas produções. Assim como o movimento Trans, o grupo de asiáticos na mídia cresceu relativamente no mercado,

isso porque fenômenos como o K-pop (estilo de música coreana) trouxeram grupos mundialmente conhecidos, como a boyband BTS e a girlband Black Pink. Eles fomentaram as discussões sobre suas identidades pelo mundo.

Pessoas que antes eram chamadas de japonesas ou chinesas por seu fenótipo começaram a ser identificadas por seu local de nascimento e região. A Ásia possui diversos países em que os fenótipos são parecidos. Isso durante muitos anos foi passado como exclusividade de países como a China e Japão. Os asiáticos, quando escalados para séries e filmes, interpretam papéis geralmente secundários e rasos com as mesmas características: a de um nerd, muito bons em matemática, tecnológicos e tímidos. Da mesma forma que na comunidade trans, os asiáticos por muitos anos não eram interpretados pelos próprios. Hoje usamos o termo mundialmente conhecido como *whitewashing*, se trata de hábitos de produções culturais seja no cinema, tv, teatro etc contratarem atores brancos para interpretar personagens que pertencem a outras etnias como muçulmanos, asiáticos e latinos. Os Estados Unidos tem grande influência na disseminação dos estereótipos das comunidades de minoria, tendo isso em vista os autores Cláudia e Caynnã analisam esse efeito como:

O termo "*Model Minority*", em referência aos estereótipos "positivos" relacionados à comunidade oriental nos Estados Unidos, surgiu a partir de estudos sobre os pontos de vista que o público norte-americano em geral mantém sobre a minoria, desenvolvidos por autores tais quais Cohen (1992) e Delener e Neelankavil (1990). De acordo com tal estereótipo, a comunidade asiática seria especialmente trabalhadora, séria, ética, detentora de conhecimentos acima da média nos campos da matemática e tecnologia e, em geral, intelectualmente talentosa. (ACEVEDO | SANTOS, 2013. P. 286)

Atualmente o grupo dos asiáticos como citado acima estão mais incluídos dentro da mídia mainstream. Cantores, atores e produções audiovisuais ganham destaque pela qualidade de produção, dando voz e imagem para o lado do oriente muitas vezes esquecidas. A dramédia sul-coreana *Parasita* é um grande destaque internacional, pois seu roteiro fala sobre diferenças de classes, e acabou levando quatro estatuetas do Oscar em 2020 se tornando o primeiro filme não falado em língua inglesa a vencer o Oscar de Melhor Filme. Outro destaque internacional é a produção

Round 6, que se tornou a segunda série mais assistida do mundo pela Netflix ganhando prêmios ao redor do mundo, incluindo na capital do cinema, Hollywood.

Dentro desta análise comparamos as escaladas na representação desses dois grupos, a comunidade trans e os asiáticos. Podemos tirar como conclusão que hoje as representações midiáticas de povos antes marginalizados podem encontrar destaque dentro de grandes produções audiovisuais e se distanciando das visões estereotipadas. No próximo tópico vamos analisar se as comunidades indígenas também passaram por esse processo.

3.1 REPRESENTAÇÕES INDÍGENAS

Indo para o caminho das representações indígenas na mídia tradicional, o local das pessoas indígenas é o do silêncio ou do preconceito. E quando são retratadas, as populações indígenas aparecem de forma genérica e estereotipada. As identidades sociais do indivíduo são formadas através de muitos fatores, como estudado por Stuart Hall.

O que denominamos “nossas identidades” poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos “viver”, como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente. (HALL, 2000, p. 37)

Tendo em vista essa citação de Hall, é certo dizer que na cultura indígena por toda sua história desde a colonização, sua identidade varia de acordo com o local de nascimento, mas que sua raiz não deixa de ser a tradicional. Hoje a cultura indígena como qualquer outra cultura, evolui dentro da sociedade brasileira, no uso da tecnologia, meios de comunicação, educação e empregos. Por um lado, a evolução social por parte dos povos indígenas existe e por outro, os não indígenas ainda não estão habituados com essa inclusão por toda uma educação colonial. Podemos dar exemplos disso por meio das representações midiáticas feitas pela Rede Globo de Televisão, suas produções desde novela, séries, documentários e filmes, por um determinado período de tempo quando incluídos nos roteiros eram representados de forma caricata e os personagens nem chegavam a ser interpretadas por um indígenas.

Observando a Rede Globo de televisão e estudando 3 formatos principais: novela, séries e documentários podemos ver que ao longo de 16 anos (2005-2021) houve uma alteração nessas representações. Devemos lembrar que a abordagem de temas relevantes por produções audiovisuais, como a formação do Brasil, pode ser útil pelo fato de disseminar a informação para que seus espectadores conheçam mais a fundo, mesmo que por uma produção de ficção, a história do país. Porém elas também podem prejudicar a visão de uma determinada nação. Pelos anos e anos de visões parciais e erradas, os brasileiros não sabem muito a respeito dos povos indígenas, possuindo a seu respeito em geral uma visão deturpada.

Fazendo a análise de representações desse povo, durante os anos de 2005 a 2021, podemos ver falhas de identidade. Na novela *Alma Gêmea*, exibida pela TV Globo de 2005 a 2006, Priscila Fantin, interpreta uma mulher indígena (Serena), personagem que é a protagonista da novela. Por ser um papel relevante e exibida no horário das 18 horas, como grande alcance nacional, a trama alcançou uma média de 37 pontos, e 59% de *share*, considerada a maior audiência da década.

O autor Walcyr Carrasco optou pela opção de manter as características mais conhecidas pelos brasileiros, como a fala do português errado e o anseio de proteger a mata dos garimpeiros e caçadores. Um destaque principal deixa a situação mais negativa, a escolha da intérprete da personagem, uma não indígena para fazer um papel de uma mulher indígena. Essa é uma prática que sempre foi utilizada no começo do teatro, quando um homem se vestia de mulher para interpretá-la pois as mulheres não podiam atuar, e também a prática de *blackface*, onde as pessoas brancas pintavam sua pele para interpretar pessoas negras para ridicularizar e entreter o público branco. Estes estereótipos vinham associados às piadas, principalmente nos Estados Unidos e na Europa.

Esse histórico fez com que as representações que temos de negros e não-negros e a autodeclaração identitária em nossa sociedade ainda tenham como base a criação discursiva de menosprezo pelos traços fenotípicos e culturais negros, seja africano ou afro-brasileiro. O *blackface* é apenas uma dessas manifestações. (SILVA, 2021, p. 3)

Para os povos originários essa é uma denominação ainda em processo de estudo e não se tem um nome claro para determinada ação. Outro personagem indígena interpretado por um branco é Estela (Cléo Pires), na novela Araguaia exibida de 2010 a 2011. A trama é rodeada de lendas indígenas que fazem menções a maldições de família. Além de levantar uma identidade negativa, a novela foi infeliz na caracterização. Ao montar a identidade visual da personagem com a sua indumentária: a roupa, as pinturas e instrumentos não se levou em consideração o local das filmagens, o figurino utilizado não corresponde à realidade dos povos daquela região do Brasil.

Essa abordagem acaba gerando uma certa a-historicidade; a análise tende ser estática, não permite mutações, metamorfoses, mudanças de sinal, alteração das funções e ignora a instabilidade histórica dos estereótipos. (SHOHAT e STAM. 2006, p. 289)

A fala do autor Aginaldo Silva em sua rede social deixa claro uma justificativa para falta de representatividade relacionado a essa comunidade, "Sabe por que não tem índio em novela? Porque não compram porcaria nenhuma. Já gay consome pra caramba, os patrocinadores adoram isso". A população indígena no Brasil não passa de um milhão de pessoas, o que faz o poder de compra dessa população ser realmente baixo. De acordo com o censo do IBGE de 2010 [... foram registrados 896,9 mil indígenas, 36,2% em área urbana e 63,8% na área rural.] Porém a sociedade evoluiu e as pessoas hoje se sentem mais representadas, independente do poder de compra, sabemos que a mídia pode educar muitas pessoas e passar uma visão mais plural da sociedade.

Os autores Ella e Robert citam um exemplo de como os estereótipos podem ser transformados em formas positivas, mas quando dependendo de contexto e de como você utiliza essa artimanha para fazer uma crítica social.

O filme Macunaíma (1969), de Joaquim Pedro de Andrade, ilustra alguns dos perigos tanto de uma busca equivocada de "imagens positivas" quanto de uma leitura que não leve em conta aspectos culturais específicos. O filme, uma adaptação e atualização do romance modernista de Mário de Andrade (1928), transforma o maior dos estereótipos negativos - o canibalismo - em um recurso artístico positivo. Misturando o discurso do movimento antropofágico do modernista Oswald de Andrade com o tema do canibalismo que permeia o romance, o diretor transforma o canibalismo em trampolim para uma crítica do regime militar repressivo e do modelo capitalista predatório que animava o curto "milagre econômico" brasileiro. (SHOHAT e STAM. 2006, p. 291).

Em 2020 vimos uma evolução nas identidades dos povos indígenas dentro da ficção e em produções específicas, como o exemplo do documentário *Falas da Terra*, com depoimentos em primeira pessoa e mostrando a riqueza cultural de vários povos indígenas, a exibição do especial foi uma homenagem ao Dia dos Povos Indígenas, 19 de abril. Além de entrevistar indígenas, a produção contou com a participação de profissionais como Ailton Krenak, líder do Movimento Socioambiental de Defesa dos Direitos Indígenas; Ziel Karapató, artista e ativista; Graciela Guarani, cineasta e Olinda Tupinambá, jornalista e documentarista.

Outra produção que podemos citar nessa onda de revolução identitária é a série “Segunda Chamada”, de Carla Faour e Julia Spadaccini, com personagem indígena e interpretada por um próprio indígena. O ator Adanilo está nos episódios e com destaque relevante. Adanilo de 29 anos, nasceu no Amazonas e é da tribo Zo’é, aldeia do Pará.

Assim concluímos que as produções e representações midiáticas sobre os povos indígenas fizeram um progresso, mesmo sem muitas produções no meio mainstream, ou seja, nas grandes produtoras de audiovisual como: Netflix, HBOMax, Disney+ etc. Conseguimos enxergar uma mudança no comportamento e no roteiro quando se inclui um personagem indígena. Mas para representar uma sociedade bem os autores Ella e Robert afirmam que o pluralismo deve ser levado em consideração para frisar questões sociais.

A questão não se resume ao pluralismo, mas ao conjunto múltiplo de vozes, em uma abordagem que procura cultivar e frisar as diferenças culturais enquanto suprime as desigualdades sociais. (SHOHAT e STAM. 2006, p. 261)

No Brasil e em outros países a identidade indígena não se resume a uma só, pois apenas dentro do território nacional existem 305 etnias diferentes e 274 línguas indígenas. Entender as diferentes realidades de cada etnia e diferentes culturas dentro de um grupo faz com que as representações transmitam uma visão mais plural da diversidade.

4 DOCUMENTÁRIO

É fato que qualquer pessoa já tenha assistido a, ao menos, um documentário na vida, seja ele sobre seu artista favorito, meio ambiente, política, economia entre tantos outros temas que permeiam o gênero. Mesmo que você não entenda como funciona o documentário, ele transpassa inúmeras formas de execução e a definição do gênero documentário não tem um conceito claro e unânime pelos grandes pesquisadores da área. João Salles em sua obra, *A dificuldade do documentário* diz que “O documentário não é uma coisa só, mas muitas” (SALLES. 2004, p.1). Já a autora Manuela Penafria, afirma que “o gênero documentário reinventa-se a cada vez que é produzido um novo documentário. Trata-se de um filme onde a relação conteúdo-forma se encontra em permanente criação e recriação. (PENAFRIA. 1999, p. 7).

Podemos dizer que o documentário tem raízes históricas do cinema pelo fato de, no início, os Irmãos Lumière (Auguste e Louis) produzirem documentários em formatos menores pois filmavam o que era mais palpável na época, o seu cotidiano. O gênero também pode apresentar diferentes maneiras de produção conforme os distintos momentos presentes na história de uma sociedade. Bill Nichols (2012) expõe a ideia de que o documentário não é apenas uma reprodução, mas uma representação de uma determinada temática do mundo em que vivemos. O argumento e a narrativa são criados para que esta representação crie forma sob o olhar de quem o produz, o que depreende de um panorama geral para assim chegar no produto final.

Analisando o gênero podemos incluir uma outra unanimidade, a de que o documentário em muitos pontos pode ser usado como uma arma jornalística. Já que esse formato de produção audiovisual lida com um recorte e representação da realidade, ele pode focalizar um tema a partir de um ângulo desejado, direcionando o olhar da audiência. Temas que são discutidos pelo cotidiano de um jornal como uma reportagem, por exemplo, podem virar assuntos mais explorados pensando na sua relevância para a sociedade, levando sempre em conta abordagens com temas relacionados a realidades sociais, políticas, culturais, científicas ou econômicas. O

gênero também presta um serviço histórico visto que ele aborda situações de forma crítica sobre acontecimentos em sua época de produção. Um dos grandes exemplos é o documentário “Democracia em Vertigem” de 2019 e indicado ao Oscar como Melhor Documentário de Longa Metragem em 2020, com direção de Petra Costa e produção de Joana Natasegara, Shane Boris e Tiago Pavan. A produção aborda 3 grandes momentos políticos do Brasil: o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, o julgamento de Lula e a vitória nas urnas nas eleições de 2018 de Jair Messias Bolsonaro.

As reportagens em jornais seguem dois preceitos: divulgar informações que podem ser de interesse público e interesse do público. A palavra “do” muda em muitas formas o que vai ser a notícia. Os documentários seguem esses mesmos preceitos, já que nem sempre assuntos que são relevantes para o conhecimento do público têm as maiores audiências, e sim o que mais o público aguarda. Exemplos disso são os documentários *Seremos História?* e *O.J. Made in America* que são distintos de acordo com os preceitos vistos acima. *Seremos História*, apesar de ter vencido o prêmio de Melhor Documentário do Ano no *Hollywood Film Award*, em 2016 e ter participação de Leonardo DiCaprio na produção não alcançou e impactou o público como esperado. Já a produção *O.J. Made in America* por ter sido um caso polêmico nos Estados Unidos e envolver pessoas públicas teve uma audiência acima do esperado, as pessoas querem estar por dentro do tema e pode-se dizer que vencer o Oscar de Melhor Documentário de Longa Metragem trouxe um bônus ao caso.

Existem manifestações contra a produção jornalística para o gênero documentário, sustentando uma crítica norteada em discurso onde se conclui que os documentários jornalísticos podem ser “ frios, que se anuncia informativo e de temáticas recorrentes sem o risco de um "tratamento criativo", da poesia, do engajamento político e uma expressão pessoal” (CARVALHO, 2006. p 19). Porém engana-se quem acha que produzir um documentário jornalístico é pensar apenas na seriedade do tema. Em muitos casos, para criar diálogo com o público, eles precisam ser atrativos, por isso a criatividade é essencial para a formulação de um documentário. Esse é um dos grandes fatores para que o gênero não tenha uma determinação específica pois sua narrativa segue diferentes variações.

Márcia Carvalho, em seu trabalho *O documentário e a prática jornalística* nos deixa alguns questionamentos Como não levar em conta a possibilidade de um trabalho poético com o som e com as imagens no jornalismo televisivo ou audiovisual? Por que associar a ideia de expressão pessoal ou de engajamento político com a perda da informação, da ética e da credibilidade? (CARVALHO, 2006). Isso quer dizer que as formas de se passar um documentário, por mais interativo, crítico, pessoal que ele seja, não anula sua capacidade de informação. Dessa forma:

O documentário, portanto, coloca em questão o problema do universo de referência e as diferentes modalidades discursivas, podendo utilizar as mais diversas técnicas, tais como o filme ou vídeo de montagem, o cinema direto, reportagem, atualidades, uma produção didático-educativa ou até um filme caseiro feito com uma câmera de celular. (CARVALHO, 2006, p. 5)

Segundo a autora, o objetivo principal do documentário jornalístico é “buscar o máximo de informações sobre um determinado tema através de entrevistas, uma narração informativa em off, captação de imagens ilustrativas, montagens de material de arquivo, e de uma edição formadora do discurso...” O documentário portanto pode apresentar diferentes formatos dentro de uma única produção com o objetivo de não ser cansativo para o público e expor de forma múltipla as informações colhidas. “São exemplos o uso de clipes, apresentações, debates, narrações opinativas, gráficos e tabelas, edição de outras reportagens da televisão, arquivos, etc.” (CARVALHO, 2006).

Agora que entendemos um pouco sobre o gênero documentário e como o jornalismo é ligado a ele, vamos poder analisar também como esse produto se originou e funciona no território nacional, tendo em vista como as produções audiovisuais são consumidas no país.

4.1 DOCUMENTÁRIO NO BRASIL

Os produtos audiovisuais brasileiros, sejam eles os cinemas ou jornais, expõem uma grande influência de modelo narrativo estadunidenses. Isso surge devido às técnicas sobre o produto terem vindo dos EUA, observamos isso ao ler o trabalho de Márcia Carvalho:

... que nos EUA jornalistas interessados em agilizar os métodos de trabalho da reportagem desenvolveram técnicas do Cinema Direto (expressão que surgiu no início dos anos 60, definidora da técnica de filmagem que se tornou opção estética). (CARVALHO, 2006)

Buscando mais sobre o início do gênero documentário no Brasil, deparamos com uma grande filmografia da saída do século XX para o começo do XXI. As produções brasileiras da época segundo Carlos Augusto eram definidas como “os filmes que foram produzidos no Brasil no começo do século XX eram muito mais próximos do gênero documentário do que da ficção. A norma era, portanto, o documentário; a exceção, a ficção. (CALIL in MOURÃO; LABAKI, 2005, p. 168.)

Thais Alves ao analisar o gênero no Brasil observava que “deve-se entender que aos brasileiros (e antes imigrantes) daquelas primeiras décadas interessava registrar objetos específicos, para fins diversos, mas também específicos – cuja definição, ao longo das primeiras décadas, dependeu mais dos responsáveis pelo financiamento das filmagens do que dos responsáveis pelos filmes em si”. (Ravicz , 2005, p. 11)

Outro autor que também estudava o gênero, Sérgio Augusto, diz que é mais prático guiar-se por modelos de produções que estão estabelecidos e que também podem ser encontrados em outros produtos já realizados em regiões em que o cinema já é um meio mais velho. Sérgio fala ainda sobre a disseminação do documentário no país fazendo menções a cineastas e suas respectivas cidades, onde eram influências no gênero, como: Aristides Junqueira em Belo Horizonte, Anibal Requião em Curitiba e Diomedes Gramacho na cidade de Salvador. Além de citar os nomes dos grandes centros de produção no Brasil.

... Rio e São Paulo continuaram sendo os dois centros produtores mais efervescentes - e os mais sintonizados com as novidades de fora. No afã de imitá-las, chegamos a produzir até três versões de A Viúva Alegre e uma de A Cabana do Pai Tomás. (AUGUSTO, 2002. P. 08)

Citando ainda os grandes documentaristas do país, podemos nomear pessoas marcantes como: um dos pioneiros do gênero no Brasil, Humberto Mauro, que ao longo de 30 anos esteve à frente do Instituto Nacional do Cinema Educativo (INCE), onde realizou incontáveis curtas educativos com didática e estilo único. Outro grande nome brasileiro é Eduardo Coutinho, produtor de um dos principais documentários

nacional. *Cabra Marcado Para Morrer* é um longa metragem que, filmado em 1963 e interrompido em 1964 devido à ditadura militar, teve sua conclusão apenas 20 anos depois. O clássico do cinema nacional retrata o assassinato do líder camponês João Pedro Teixeira, que ocorreu em 1962. Alberto Cavalcanti, é o principal pioneiro do gênero a representar o Brasil em escala mundial. Ele deixou o país para estudar e praticar formatos que não eram desafiados no Brasil.

Thaís Alves também diz que “os cineastas brasileiros das primeiras décadas do século XX não caíram de amores pela não-ficção; aliás, conviviam mal com a ininterrupta e lucrativa atividade dos documentários, ditos de cavação” (2005. p. 12). Os documentários do Brasil eram conhecidos como “filmes naturais”, realizados pelos chamados “cavadores”, eles vendiam uma narrativa que atualmente não se usa tanto, isso se dá a época em que foram produzidos, os produtos passados para as telas eram resultados de um trabalho onde circulavam por todo o país registrando acontecimentos, casos, pessoas, lugares etc que atraíam o consumidor de documentários.

Falando mais sobre o consumo de documentários brasileiros, uma pesquisa realizada pelo jornal O Globo apontou que em 2010 o gênero dobrou sua produção. Em 1995 quando houve um período de retomada do gênero no país os documentários representavam 26% de toda produção audiovisual. Em 2009 as produções deram um salto e chegaram a quase metade dos filmes lançados no ano. Isso pode ter sido consequência, segundo o jornal, do barateamento dos equipamentos.

... Mas aí os equipamentos de produção e exibição baratearam, alguns programadores passaram a apostar mais no gênero, e muitos diretores acabaram se curvando ao charme de histórias (mais ou menos) reais, muitas sobre ídolos da música ou sobre esportes. (MIRANDA, 2011, p. 1)

A problemática sobre o aumento dos documentários está nos dados do consumo desses produtos, que se estagnaram, isso entra na categoria muito conhecida por estudiosos de economia, a famosa “oferta e demanda”, a falta de estudo dos consumidores sobre o gênero, não foi eficaz, podemos ver isso na audiência que aumentou em 2,5% em relação a anos anteriores.

Esse fato pode estar ligado a dois fatores, a migração para serviços de streaming, onde a praticidade de procura dos filmes é mais fácil e o comportamento

dos consumidores que buscam o que mais acham atrativos. Nos anos 2010 para frente, o consumo do gênero ficção aumentou drasticamente devido às pessoas mais jovens estarem ligadas a filmes ou séries mais populares do momento como exemplo de filmes como *A Saga Crepúsculo*, *Jogos Vorazes* e séries como *Game of Thrones* e *Gossip Girl*.

Vemos que o gênero ao longo dos anos se reinventou de acordo com o público, no Brasil vemos uma nova versão de documentários, deixando de lado o longa metragem e se tornando uma série documental sobre alguma temática. Exemplos disso são as séries *Elize Matsunaga: Era Uma Vez um Crime*, *Anitta: Made in Honório*, *Mundo Mistério* e *Neymar: O Caos Perfeito*. Todas são produções brasileiras e abordam diferentes temas e narrativas. Outra coisa que podemos observar é que quando as produções de maior audiência são ligadas a pessoas públicas e que possuem grande público em suas redes sociais, isso serve como arma para divulgação de seus trabalhos, trabalho de imagem etc.

Finalizo este capítulo com a citação de Daniel Accioly sobre o formato do documentário onde ele fala que o gênero é “uma grande ferramenta social. Permite ao espectador visitar realidades tão distintas sem, geograficamente, se mover.” (2015. p. 06) A função do documentário seja ele realizado no Brasil ou fora tem a função de ser humano e nos despertar o conhecimento de coisas além da nossa realidade e mesmo que de forma pequena mudar o mundo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ter a responsabilidade de falar sobre um tema importante para a comunidade indígena de São Gabriel da Cachoeira passou longe de ser uma tarefa fácil. A representatividade que o trabalho tem é de suma importância para que as pessoas conheçam uma cultura, um povo e conhecimento de uma festa que envolve centenas de pessoas, gerando um impacto social, econômico e cultural para dentro do município. Como pessoa indígena, o documentário me envolve emocionalmente e dentro de mim foram grandes os questionamentos a respeito da produção, visto que queria passar traduzir a cultura indígena em imagens, mas não deixar ela no campo dos estereótipos como discutidos neste trabalho. Porém, este mesmo trabalho quebra todos os estereótipos que jogam sobre os indígenas quando chamados de preguiçosos, presos no tempo e não sociais. São eles, somos nós que fazemos a festa, as ideias, os artistas, os dançarinos, as alegorias e as músicas. Nós indígenas da região nos reunimos e celebramos a nossa existência e nossa história dentro de uma grande festa.

Dentro de dois aspectos: o jornalístico e a prática, posso falar que ambos despertaram em mim o ânimo da profissão, visto que passei por um período de ócio com o curso. Do ponto de vista jornalístico, pude observar que o documentário é bastante objetivo e leva ao público as informações necessárias para a compreensão do que é e como funciona o *Festribal*. Já no aspecto da prática, ou seja a produção, filmagem, roteiro e edição do documentário, a decisão de cada cena, cada imagem e música, os cenários exigiram de mim estudar e conhecer mais da minha própria cultura, entendendo melhor a respeito da simbologia que existe dentro da cidade de São Gabriel da Cachoeira.

O documentário não supre a necessidade de dar ainda mais voz aos indígenas dentro da sociedade, porém é um passo pequeno para que essas vozes sejam ouvidas cada vez mais em meios que elas sempre devam estar. Reivindicar espaços na mídia, nas universidades, no poder público é uma luta diária em que hoje me incluo como grande ativista dos direitos dos povos indígenas. Sei que a importância de eu ter conquistado uma vaga em uma universidade pública é uma conquista não só

minha, mas de inúmeras lideranças que lutaram e morreram para que espaços como esses possam ser também a casa de outros indígenas.

Por fim, este documentário é uma homenagem aos povos de São Gabriel da Cachoeira, uma cidade que mesmo isolada por rios e floresta amazônica, retrata a cara das identidades existentes aqui no Brasil antes mesmo do ano de 1500, com a invasão das terras ameríndias. Produzir um produto audiovisual com narrativa informativa no momento em que vivemos no Brasil é o dever de um jornalista, passando a verdade com estudo, pesquisa e muita cautela, ainda mais se tratando de uma comunidade que resiste constantemente às ameaças direta da política apenas por ser um grupo de minorias. Ter produzido este documentário me faz acreditar no potencial do jornalismo e do profissional de defender aqueles que são oprimidos e marginalizados, como ativista, espero que o ramo jornalístico siga com um compromisso de defender os direitos humanos.

REFERÊNCIAS

ACEVEDO, Claudia | SANTOS, Caynnã. A Minoria Modelo: Uma análise das representações de indivíduos orientais em programas do Brasil. 2013. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v13n27/v13n27a06.pdf>>. Acesso em: 07 mar. 2022.

ALVES, Edmar César. São Gabriel da Cachoeira - Sua Saga, Sua História. 2015

AUGUSTO, Sergio. Cinema. Ministério das Relações Exteriores, Brasil, 2003.

Disponível em:

<<https://www.gov.br/mre/cdbrasil/itamaraty/web/port/artecult/cinema/apresent/index.htm>> Acesso em: 10 mar. 2022.

BOSI, Alfredo. Dialética da colonização. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CALIL, Carlos Augusto. A conquista da conquista do mercado. In: MOURÃO, Maria Dora; LABAKI, Amir. (orgs.). O cinema do real. São Paulo, Cosac Naify, 2005. p. 158-173.

CARVALHO, Marcia. O documentário e a prática jornalística. 2006. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/ensaios7_d.htm>. Acesso em: 02 mar. 2022.

HALL, Stuart. Cultura e representação | Stuart Hall: Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira — Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades e Estados: IBGE, 2021. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/am/sao-gabriel-da-cachoeira.html>>. Acesso em: 29 dez. 2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo 2010: população indígena é de 896,9 mil, tem 305 etnias e fala 274 idiomas: IBGE, 2021. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?busca=1&id=3&idnoticia=2194&t=censo-2010-populacao-indigena-896-9-mil-tem-305-etnias-fala-274&view=noticia#:~:text=Em%202010%2C%20293%2C9%20mil%20ind%C3%ADg>>

enas%20falavam%2074%20idiomas&text=O%20portugu%C3%AAs%20era%20falado%20por,16%20C2%25%20fora%20delas.>. Acesso em: 29 dez. 2021.

MIRANDA, André. Produção de documentários dobra no Brasil, mas público se mantém em 2,5%. O GLOBO. 2011. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/producao-de-documentarios-dobra-no-brasil-mas-publico-se-mantem-em-25-3026226>> Acesso em: 10 de mar. 2022.

NICHOLS, Bill (2012). Introdução ao documentário 5 ed. São Paulo: Papyrus. p. 47

PALLOTINNI, Renata. Dramaturgia de televisão. São Paulo: Moderna, 1998.

PENAFRIA, Manuela. Perspectivas de desenvolvimento para o documentarismo. 2009. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-perspectivas-documentarismo.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2021.

RAVICZ, Thaís Alves. NOVOS CAMINHOS PARA O CINEMA DOCUMENTÁRIO: a redescoberta do gênero no século XXI. 2005. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/907/1/TRavicz.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2021

SALLES, João M. A dificuldade do documentário. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 28., out. 2004, Caxambu. Anais... Disponível em: <https://www.academia.edu/13347864/A_dificuldade_do_document%C3%A1rio> Acesso em: 21 fev. 2022.

São Gabriel da Cachoeira-AM. Câmara Municipal de São Gabriel da Cachoeira, 2015. Disponível em: <<https://www.saogabrieldacachoeira.am.leg.br/institucional/historia#:~:text=Existem%20ainda%20festividades%20folcl%C3%B3ricas%20populares,desenvolver%20%20difundir%20e%20homenagear%20os>>. Acesso em: 29 dez. 2021.

SILVA, Andressa | ROCHA, Flávia | MARTINS, Wálison. O uso do Blackface como prática pedagógica nos anos iniciais da educação básica. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tla/a/bDwvHSWYyNFK4MkDxThV9zM/?lang=pt>>. Acesso em: 21 fev.2022.

SHOHAT, Ella | STAM, Robert. *Crítica da Imagem Eurocêntrica, Multiculturalismo e Reapresentação*. Tradução: Marcos Soares, 2006.

SOUZA, Elma. **FESTRIBAL** DE SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA-AM: FESTA E RELAÇÕES INTERÉTNICAS, 2019. Disponível em:
<https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/7211/4/Tese_ElmaSouza_PPGSCA.pdf>.
Acesso em: 29 dez. 2021.

APÊNDICE 1 - MONTAGEM/ROTEIRO DE EDIÇÃO

Título: *FESTRIBAL - DO DABUCURI NASCEU SEU RITMO*

BLOCO 1

CENA DE PAISAGENS DA CIDADE DE SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA

NARRADORA:

A cidade de São Gabriel da Cachoeira abriga 23 etnias indígenas, com 4 línguas cooficiais: o Tukano, Nheengatu, Baniwa e Yanomami. O município localizado ao noroeste do estado do Amazonas foi nomeado capital estadual dos povos indígenas por toda essa diversidade de povos, sendo ela a cidade mais indígena do Brasil. Uma cidade mágica, com paisagens magníficas e povo hospitaleiro como citado em seu hino: “Uma cidade de belos pássaros, lindas montanhas. Terra hospitaleira”.

Aqui nessa terra, cheia de cultura indígena, inúmeros artistas se inspiram e transformam seus pensamentos em dança, moda, música e arte. Foi aqui que nasceu o maior evento do município, o Festival das Tribos do Alto Rio Negro. Uma festa que faz referência aos povos que aqui estão presentes, contando suas lendas, tradições e vivências.

(na língua tukano)

Sejam bem vindos a São Gabriel da Cachoeira...

Sejam bem vindos a minha festa...

Sejam bem vindos ao *Festribal*...

CENA DE PEDAÇOS DA APRESENTAÇÃO DO *FESTRIBAL* DE 2019

(TRILHA - CUNHÃ PORANGA)

BLOCO 2

IMAGENS DE ARQUIVOS DO PRIMEIRO *FESTRIBAL*

NARRADOR:

O início dessa história começa em 1995, quando pessoas ligadas a cultura da região sentiram falta de uma festividade para homenagear os 23 povos presentes na cidade. Um grupo de músicos, artistas e ativistas culturais se reuniram e pensaram em formas de todas as etnias estarem presentes na grande festa.

CONDE AQUINO:

(00:52s): O prefeito da época, Juscelino Otero Gonçalves teve a ideia, a vontade de criar uma festa que fosse referência para o município, ele tentou isso em 1995, reuniu uma equipe, mas a equipe acabou não progredindo. E como eu sempre fui envolvido com arte, cultura ele me convidou, trabalhava em outro departamento da prefeitura e eu aceitei e conseguimos realizar o primeiro em 1996.

(02m:45s) a ideia central era fazer uma homenagem a todo mundo, tanto que é Festival Cultural das Tribos do Alto Rio Negro, envolve todo mundo. (03m:00s) Ficava difícil todas se apresentarem e homenagear todas ao mesmo tempo, mas no primeiro todo mundo estava presente. Foram 9 noites de evento com várias barracões de cada calha de rio, que cada um trouxe o que tinha de artesanato, comida etc. Além das questões mais festivas. (03m26s) Mas nesse primeiro momento todas as estruturas foram todas em madeira, palha, bem características daí pra frente a cada ano tinha um tema e esse tema envolvia uma etnia, uma mitologia, alguma coisa nesse sentido.

IMAGENS DE ANIMAÇÃO**NARRADOR:**

O primeiro Festival aconteceu de 20 a 29 de setembro de 1996, esta data foi escolhida pois no mês de setembro também se comemora o aniversário da cidade, o 7 de setembro e a festa do padroeiro da cidade. Anos depois a data mudou para a semana de 19 de abril, visto que comemora-se o Dia dos Povos Indígenas, atualmente o festival voltou a acontecer nas primeiras semanas de setembro.

CONDE AQUINO:

(11m23s): O primeiro *Festival*, que foi um evento assim, muito impactante, primeiro que foi um evento muito grandioso, primeira experiência, um cenário completamente local, tradicional, com raízes aqui, com apresentações inéditas, bem cansativo, bem impactante, o primeiro *Festival* é um marco.

VALDIR MIRANDA:

(01m58s): O *Festribal* hoje em dia é a entidade, é uma festividade que todo mundo espera muito pra assistir as novidades, as agremiações, associações praticamente trazem novidades, histórias, mitos, tudo isso uma cultura nossa, mostrando uma cultura nossa aqui no Brasil, fora, tem muita gente que gosta de preservar a cultura. Então nós somos uma associação que preservamos nossa cultura pra todo mundo saber. Hoje em dia os novos não sabem como começou e por que começou o Festival.

CONDE AQUINO:

(03m54s) Tinha duas correntes de pensamento, faziam um *Festribal* com apresentação só das comunidades e uma outra corrente de uma coisa mais folclórica que entraram como uma representatividade. O Segundo acabou prevalecendo e foram criados duas agremiações: a Tukano e a Waupés, são dois nomes de referência da etnia tukano e a Waupés que também é um rio importante. E essas agremiações segundo o escopo da proposta, elas tinham como sua linha de atuação desenvolver atividades e fazer eventos homenageando quaisquer das 23 etnias que estavam aqui no município.

(09m15s) O prefeito Juscelino Otero Gonçalves que foi quem idealizou, quem chamou as pessoas pra fazer, desenhar, criar música, ele foi uma das pessoas, o músico Dantas, na época ele foi uma das pessoas da composição, o Gilberto, o Gigi que foi na época o presidente da Tukano, que também teve uma participação muito grande, o seu falecido José Ribeiro (J. Ribeiro), o artista plástico que foi quem nos ajudou a criar as alegorias que fazer tudo isso, o célio carvalho que foi uma pessoa que foi muito envolvida no desenvolvimento dessa atividade, teve a Dona Joia que até hoje é bastante apaixonada por esse tema e defende muito, com muito propósito, muito mais do que eu, essa proposta do *Festribal*. Logicamente que a gente faz uma série de injustiça por que a lista é muito grande, mas essas pessoas são as que eu lembro que mais estavam juntas do prefeito na época que ajudaram e se envolveram na época. O Valdir Miranda, que foi um dos presidentes se doou bastante pra que esse evento acontecesse.

VALMIR MIRANDA:

(06m13) A tukano foi uma das duas agremiações que foram fundadas na época, era só duas, a Tukano e Waupés, era duas associações, não, agremiações

representar duas tribos. (05m45s) as duas eram só pra representar as 23 etnias, mas depois mudou pra disputa quando entrou a rio negro.

IMAGENS DE ANIMAÇÕES

NARRADOR:

Para o *Festribal* foi criado a Agremiação Cultural Waupés e para competir com ela foi criada a Agremiação Cultural Tribo Tukano. Nos anos seguintes as Agremiações Culturais Rio Nero e Tribo Baré. Todas no seu início eram agremiações que ao decorrer dos anos foram se transformando em Associações. As Agremiações Waupés e Rio Negro deixaram a competição em 2005, quando a prefeitura determinou que as duas últimas colocadas não continuaria nos próximos anos por corte de verbas. Em 2014 a Waupés tentou voltar mas não conseguiu se estabelecer. Apenas a Agremiação Cultural Rio Negro conseguiu voltar e toda reformulada, com o nome de Associação Cultural Filhos do Rio Negro, em 2018.

CONDE AQUINO:

(01m:34s) Inicialmente teve uma consultoria (01m:38s) pra tentar criar um roteiro é uma coisa nova no município, não tinha nenhum tipo desse tamanho aqui e em seguida o próprio prefeito mesmo conseguiu reuniu os músicos, chamou algumas referências da região do waupés, da região içana enfim, de São Gabriel e do município inteiro, para tentar organizar uma forma de apresentação e chamou alguns músicos para criar um ritmo próprio, foi criado uma batida, um movimento ali apropriado exclusivo, ali para o *Festribal*.

VALDIR MIRANDA:

(12m26s): O dabucuri é uma dança das 23 etnias, é um símbolo, vamos dizer assim, é uma música de recepção. Você pode andar em qualquer lugar daqui do Alto Rio Negro, Alto Waupés, se tiver uma festividade, se tiver um grupo, de qualquer pessoa eles fazem o dabucuri por que isso? Por que é uma dança de recepção, então o dabucuri ele representa o *Festribal* já que ele é homenageado, mas ele é dança de recepção, de agradecimento, de tudo que acontece eles fazem esse dabucuri. É uma dança original, um símbolo do *Festribal*.

LOURENÇO PRADO:

(05m31s): tocando cariçu

(13m32s): Quando tem época de fruta, tem dabucuri. (14m25): Na hora da primeira filha ter menstruação, ele faz dabucuri também. Depois do casal ter filho tem dabucuri também. Quando dá banho em neném, cerimônia grande de maloca. Esse aqui leva do maloca a cerimônia grande, do grupo, doze pessoas de rezadores, tudo vai. Mesmo tendo meu nome Lourenço, eu sou pajé. Como o pessoal estuda, medicina, estuda professores. As pessoas que aprendem mais levam as coisas. Quem aprende bem a oração, o benzimento tem que ir, quem não aprende tudo, ele mata.

CENA DE DANÇA DO DABUCURI

BLOCO 3

IMAGENS DE ANIMAÇÃO

NARRADOR:

O *Festribal* é organizado pela Prefeitura da cidade, uma comissão de evento é formada dentro da Secretaria de Cultura e Turismo, que é responsável por chamar representantes das 23 etnias para pensarem como será feito o evento naquele respectivo ano. Então são discutidos temas, homenagens, shows, ordem de apresentações e escolha dos jurados. São esses jurados que avaliam os 9 itens: Alegoria, Animador, Coreografia, Cunhã-Poranga, Letra e música, Originalidade, Porta-Estandarte, Rainha do Artesanato e Ritual do Pajé. A que tem a maior nota no final, se torna a vencedora do ano do *Festribal*. Todos os olhos estão voltados para a festa e por isso a comunicação da cidade muda sua rotina.

CLAÚDIA FERRAZ:

(15m20s): Pra gente na rádio quando é o momento do *Festribal*, a programação realmente muda tudo, é um mês assim, intenso, que a gente pega pra mudar também os quadros do nosso programa, um quadro pra entrevistar algumas lideranças, um quadro pra contar tipo lendas, mitos, canções, um quadro pra trazer músicos indígenas, o que eles cantam, o que eles estão cantando nessas músicas, qual o significado. Então a gente traz muito essa questão do *Festribal*, o histórico, a

origem, quais foram as primeiras agremiações que começaram a apresentar, qual cenário atual do *Festribal*, a gente também faz as enquetes, de como era o *Festribal* no início e de como é agora, o que vocês estão achando, assim, sempre fazendo com que os ouvintes participem, que eles deem sugestões, que eles deem opiniões, o que tá legal o que não tá, o que poderia ser mudado em relação aos temas do *Festribal*, as músicas. E a gente era encarregado de quando era o tempo da festa de fazer as transmissões ao vivo. De fazer uma grade dos locutores e cada um ficar numa noite, aí um vai lá, filmar, tirar foto, vai entrevistar as pessoas que estão lá, as pessoas que estão visitando, o que tá achando de ver o *Festribal*. A gente então, digamos assim, é um trabalho intenso, a gente se envolve mesmo, de estar junto com o público, na torcida, nas agremiações. De estar lá dentro da arena quando a pessoa está se apresentando, assim mais pra sentir o clima, da dança, do ritmo, do pessoal ali. Então a equipe assim, se envolve bastante. Vai pros qg's pra ver como está sendo confeccionado os trajes, o que eles estão achando, o que eles esperam, quem será vai ser o campeão do ano, sempre com esse negócio aí sabe, então é uma coisa muito divertida, muito legal, muito bonita assim, a gente trazia assim, pro público e sentir um pouco na rádio.

 BLOCO 4
 IMAGENS DE ANIMAÇÃO

NARRADOR:

A semana do *Festribal* é dividida em 4 dias, o primeiro dia é dedicado às solenidades de abertura, discurso do prefeito, apresentações de grupos pequenos de danças indígenas tradicionais e a disputa da Cunhã-Poranga do município, que elege a moça mais bonita da cidade.

JOSIANE MARQUES:

(00m41s): Eu fui cunhã poranga do município em 2014.

(01m23s): Pra ser uma Cunhã Poranga, as regras tinha que ser, a primeira delas, que era não ter filhos. A única regra que tava lá escrito em negrito, que era “não podia ter filhos”. E ser acima de 15 anos até os 25 e tinha que ter uma etnia, representando uma etnia.

05m46): A minha roupa eu preparei, eu fui atrás da história, fui atrás de livros, eu fui atrás de, por que como eu tava dizendo, eu tive que realmente ir atrás, por que

eu não sabia muita coisa, da minha cultura, eu fui realmente aprender depois que eu me envolvi. Ai eu encontrei pessoas da minha própria etnia, me ajudaram, fiz do jeito que estava escrito, que nossos antigos desenharam, ai tive que recriar ele para o tempo de agora, botei umas penas, enfeites, eu mesmo desenhei o grafismo na minha tanga.

(10m23s): Quando falaram meu nome “JOSIANE É A NOVA CUNHÃ PORANGA DO MUNICÍPIO”, eu fiquei: “Foi eu mesmo que ganhei?”, depois de ver todas as meninas falarem comigo “Foi você mesmo que ganhou!”, eu fiquei meio sem reação, eu vou falar que eu fiquei meio sem reação. Eu tava feliz de estar lá, mas eu realmente achei que não ia ganhar, por que eu achei que minhas coisas estavam muito simples, mas deu tudo certo, o importante é que todo mundo gostou, todo mundo viu o que eu queria estar representando, todo mundo viu o que eu tinha escrevido no meu histórico, eu consegui representar tudo direitinho.

(02m53s): Ser uma Cunhã Poranga vale muito mais que um título, ser uma cunhã poranga representa muito, representa todas as moças de São Gabriel, a beleza de São Gabriel, a beleza das gabrielenses.

IMAGENS DE ARQUIVOS DE JOSIANE

(01m59s): O preparativo foi muito legal, por que foi agitado, por que lá no tempo em que eu me inscrevi, no tempo que eu disputei, todas as meninas se juntaram, todas as meninas estavam se ajudando, falando o que iam fazer. Foi muito mais natural.

(03m24): Não via muito as pessoas falar da minha etnia, da minha etnia desana. Ai eu queria mostrar um pouquinho, tipo assim, por que a gente, são vários, são 23 etnias, eu queria tipo assim, mostrar a minha, falar que a minha “ta aqui”, mostrar eu, a minha familia. Por isso que me motivou muito. A maioria das meninas era Baré. Ai ficava só baré, baré, baré. Ai eu fui, tinha umas meninas diferentes, com a mesma intenção de mostrar uma coisa diferente.

JOSIANE MARQUES:

(09m03s): Eu tive ajuda do nosso amigo Pedro, isso foi fundamental pra mim, acho que me inspirou muito ele. Ele me deu muita força.

(09:20): O Pedro significou muito, muito mesmo. Além de tá muito feliz, eu fiquei um pouco nervosa, ele me acalmou, me falou como era, ele foi uma pessoa realmente, tipo aquela pessoa que a gente fala e tudo para ao redor e a gente só escuta ela, ela tem um significado muito grande na minha vida, tem um significado muito forte na faixa também, que foi a última faixa dele, e isso pra mim é muito significativo.

IMAGENS DE ARQUIVO DE PEDRO VICENTE

BLOCO 5

IMAGENS DE ANIMAÇÃO

NARRADORA:

Pedro Vicente foi um dos nomes de mais impacto quando se fala sobre *Festribal*. Já foi presidente de associações como Baré e Tukano. Um multi artista indígena, responsável por coreografias, pinturas, indumentárias e destaque quando o assunto é originalidade. A frente do seu tempo ele inovou nas danças, mas não esquecia o motivo da existência do *Festribal*, dar destaque às etnias de São Gabriel. Os rituais e pinturas jamais originais jamais eram esquecidos por ele. E deixou um legado durante anos e inspirou jovens a continuar com seu trabalho. Pedro faleceu em 2015 recebendo homenagens das agremiações que disputaram naquele ano.

BLOCO 6

IMAGENS DE ANIMAÇÃO E IMAGENS DO *FESTRIBAL* DE 2019

NARRADORA:

O segundo, terceiro e quarto dia são realizadas apresentações das Associações Baré, Filhos do Rio Negro e Tukano, essas são as noites mais esperadas e são o motivo de encherem a arquibancada atraindo mais de 10 mil pessoas para a festa. Elas disputam o troféu do *Festribal* contando através de música e dança uma lenda ou uma homenagem para alguma etnia. Vamos desvendar as representações que são destaques nas noites dessa grande festa.

BLOCO 7

ORIGINALIDADE - FÁBIO FARIAS:

(05m06s): A gente é muito questionado sobre a questão...

(05m10s): Quando a gente vê algo diferente, de embelezar, quando alguém vê... Cara que espetáculo foi dado. Que espetáculo foi aquilo. Foi a agremiação? Muitos falam. foi Parintins... Porra, quem dera. Por que o pessoal de Parintins né?... Mas nós não... Nós também temos nossa arte, temos nosso brilho. Independente do que seja, em questão do tradicional, eu sempre, eu questiono e bato na tanto com a secretária de cultura, como já bati na câmara, “olha assim, o que é originalidade?”, originalidade pra mim, onde eu to tentando mostrar pra eles é tradicional as suas comunidades, é manter sua tradição. As associações que eu já, foi mantido e falado quando eu tive essa experiência de falar com o fundador, qual era o objetivo do Festribral. Então a gente se encaixou pra fechar o evento, as agremiações foram encaixadas com o objetivo para que possamos fechar o evento com beleza, da forma, com a criatividade.

(07m23s): É por isso que nós temos, numa parte da apresentação, o momento do item originalidade. O que é o item originalidade? Trazemos a própria comunidade indígena, aonde eles mesmos fazem a própria dança tradicional. E demais apresentações é conforme o regulamento, a gente trabalha a melhor apresentação das meninas que dançam como a rainha, porta-estandarte. A gente trazendo da melhor moldagem da mão do artista ou artesã indígena. Então quer dizer, originalidade fica com o povo das comunidades que fazem sua apresentação. Agora o folclórico que é as agremiações, claro, cada um quer fazer melhor, quer fazer bonito. É por isso que nós hoje estamos com 10 títulos de campeã, muito sendo julgado, é julgado conforme o regulamento. Então a gente está bem representado, nós tamos, a gente também se preocupa com essa parte de originalidade e com a parte folclórica é evidente. Mas estamos ai pra somar.

CENA DE ARQUIVO DA PARTE DO QUESITO ORIGINALIDADE

BLOCO 8

PORTA ESTANDARTE - ALINE FONTES:

(00m36s): Eu represento o item Porta-Estandarte na Agremiação Cultural Tribo Tukano.

(00m50s): Porta-Estandarte é o símbolo da torcida na quadra em movimento. Que anima ela, representa as cores, que ressalta as cores preto e amarelo dentro de

quadra em uma competição. Além de trazer no pavilhão o símbolo, o Tukano, que é o símbolo da nossa agremiação, da nossa etnia.

(01m12s): Comecei a dançar na agremiação em 2014, dançava na coreografada como a beleza natural, Bela Adormecida. No ano seguinte dancei como uma das índias guerreiras. Em 2017 a diretoria me fez o convite direto pra mim representar esse item. Eu muito nervosa é claro que eu era novata na agremiação, aceitei e hoje represento com muito orgulho. Em 2020, a nova diretoria foi eleita e ela refez o convite direto pra mim permanecer no item e aqui estou representando minha agremiação.

(10m13s): O *Festribal* comparado com os anos anteriores, hoje em dia ele é muito mais visado, vem pessoas de outros municípios nos prestigiar. Há uma transição ocorrendo, querendo ou não, a gente acaba mesclando um pouco do ritmo de Parintins e de Munduruku. Porém, a gente “Agremiação Cultural Tribo Tukano”, eu acredito, falo por mim, a minha opinião pessoal, a gente luta pra que a nossa raiz, as nossas origens nunca morram através dos rituais originais, da nossa batida do pé que são característicos do nosso bailado. A gente faz a transição: acrescenta, mas não perde a essência.

(27m42s): A partir do momento que a gente aceita ta nesse item, a pressão é imensa, por eu tá. Quando eu fui no item, foi o primeiro ano que o item valeu ponto, então a pressão foi enorme. Três anos seguintes, quanto mais tempo você permanece no item, o quesito superação tem que sobressair 110%, por que a gente tem que continuar inovando. tem que continuar mostrando o amor, e graças a Deus eu tento sempre buscar o melhor do melhor, pra mim representar minha agremiação.

(30m26s): O primeiro ano que o estandarte valeu ponto foi a maior pressão que eu tive, e me sai 100% e sou muito grata a associação por confiar em alguém que é novato na associação, e de defender um item que interfere na pontuação final

(23m37s): Eu particularmente sei a nossa realidade, as minhas indumentárias e estandarte todos são feitos e patrocinados pela minha família e eu mesma, a gente tá lá pelo amor que a gente tem pela agremiação. Nas coordenações anteriores não tínhamos nenhum apoio quase, era só nossa função tá lá dançando e estar pronta. Na nova diretoria a gente recebe um apoio a mais, eu sou muito agradecida por que a gente sente a diferença, por que é um peso enorme se patrocinar com uma indumentária completa e o meu que é em dobro, que é minha indumentária mais um

estandarte, que também tem que estar esteticamente apresentável em quadra também que representa minha associação.

(24m24s): O primeiro ano que eu dancei minha mãe que confeccionou minha roupa e meu estandarte, a gente só comprava o material aqui das artesãs locais e minha mãe confeccionou. No ano seguinte contratei uma artesão e ela fez a indumentária, refez o estandarte. E fora as apresentações que tem em quadra também fazemos recepções, fazemos apresentações extras e tem a disputa. Então volta e meia a gente acaba encomendando outras indumentárias pra não ficar usando as mesmas. Então a gente vai contratando artesãos diferentes.

(07m46s): Significa um grande orgulho e satisfação em representar minha etnia, a minha agremiação em quadra num município tão rico e cheio de culturas que não podem deixar morrer. O meu avô sempre participou de eventos aqui da cidade, fez rituais, era pajé original, abertura de Festribais e tanto da agremiação. Eu sempre olhei os meus avós com muito orgulho, isso foi uma inspiração pra mim na minha vida pessoal, pq eu sempre tive vergonha, a gente quando é criança é muito inseguro, relacionado a corpo, a como as pessoas irão julgar a gente, e a gente que está nesse item tem que se superar em todos os aspectos: psicológicos, físicos e a Tukano me abriu as portas pra mim estar aqui hoje representando. O sentimento que eu tenho é de muita gratidão, muita satisfação e uma honra estar segurando o pavilhão.

CENAS DE ARQUIVO DA PARTE DO QUESITO PORTA ESTANDARTE

BLOCO 9

CENAS DE ARQUIVO DA PARTE DOS QUESITOS ALEGORIA E COREOGRAFIA

ALEGORIA E COREOGRAFIA - NARRAÇÃO:

O quesito alegoria e coreografia ficam por responsabilidades dos artistas da associação, os artistas plásticos desenvolvem as alegorias de acordo com o tema que a associação vai apresentar no ano. Cobras, aves, paisagens, casa de caxiri, canoas entre tantos outros elementos são utilizados para a criação de grandes alegorias. A coreografia é desenvolvida pelo coreógrafo e são pensados a partir da letra das músicas, avaliados por animação, sincronicidade e criatividade é onde as tribos têm maior destaque. A luta contra o tempo é grande, pois os ensaios são

realizados em dois meses e o tempo para a criação de alegorias e coreografias são curtos para apresentar o grande espetáculo.

BLOCO 10

CENA SANY BRASIL CANTANDO

LETRA E MÚSICA - SANY BRASIL:

(23m17s): Eu vi a tribo chegando no ônibus, eu vi eles passando ali embaixo, a galera da tribo tukano chegando, aí olhei pra trás e vi a Rosa chegando com as meninas, e lá embaixo no rio, eu vi as canoas chegando também. As canoas estavam chegando aleatório porque o pessoal que vem do outro lado do rio, vem pra fazer compra ali no Carneiro, aquele negócio lá né. Mas eu fiquei pensando: “Que legal né! Aqui acontecendo um movimento, e lá embaixo o povo chegando de canoa, é mais ou menos o que eu vejo do *Festribal*”. O pessoal se arruma o ano inteiro pra esperar o *Festribal*. Aí na época de *Festribal* vem os parentes lá de cima, vem daqui de baixo, estão chegando né? Pra uma grande festa. Aí fiquei imaginando é... “As Tribos do Alto Rio Negro, se reunindo para a grande festa que é o *Festribal*. A grande festa”. E foi quando eu fiz (canta)...

(35m31s): Teve uma gestão que me chamou pra coordenar a música e tal, não... Pra cantar e eu fui. Quando eu cheguei lá eu perguntei “Qual vai ser a música concorrente?”... “Ah, coloca qualquer uma aí”... A pessoa que estava na presidência falou, coloca qualquer uma aí. Até então eu nunca tinha cantado, composto, feito uma música pra concorrência, é concorrer. Então tá, essa daqui é bonita, coloca aí. E num é assim... Depois que passou isso, na época quem foi o jurado foi o Joelmir, aí eu peguei o papel que ele tinha... peguei nove na letra, na música. Acho que ele sentiu dó de mim. Me deu nove, porque aquilo ali não valia nove, dentro do contexto eu não daria aquela nota. Acho que ele sentiu dó, consideração. Aí eu fui ver, ele tinha escrito assim: “que a música tinha que estar de acordo com o tema e tal e tal... Pra se encaixar”. E eu não sabia, eu achava que era “pega uma música e vai aí”, num era, não me explicaram qual era aquele termo, não me deram o roteiro, não me deram nada que explicasse como eu tinha que fazer aquela música. Foi uma música assim, escolhida nas coxas. E quando o Joelmir escreveu isso eu fui conversar com ele. E ele me disse: “não Sanyinha, a música concorrente tem que estar de acordo com o tema, a música é o tema, tudo da agremiação, aquele apresentação ela é baseada na música que foi feita, entendeu? Se você vai falar de cobra grande na música a

tribo toda tem que estar naquele tema lá”. E eu não sabia, e a música que foi nesse ano pra concorrer foi um grito, se eu não me engano foi um grito de lamento, o nome da música. Falando do índio, do lamento do índio, questão da natureza, da destruição, do meio ambiente, uma coisa que não tinha nada haver com o tema que estava sendo apresentado. Então por isso que eu digo que os músicos que tem em São Gabriel pra mim, como o *Festribal*, foi uma lição. Por que eu não sabia nada de *Festribal*, pra mim era uma festa aleatória. Até de 2007/10 pensando um pouquinho, o que fazer.

(40m03s): Mas eu faço uma divisão também. Pra não ficar pesado só pra mim, eu sempre divido com Joelmir - “Joelmir, eu vou fazer a música das itens”, que é aparte que eu gosto de fazer, porque música de item tem uma coisa muito especial. Você tem que cantar pra menina se sentir feliz, se sentir importante, entrar ali na arena dela, evoluir dentro da música dela, ela tem que se sentir dentro da música. Ai eu falo pra ele - “Tu fica com a música concorrente, porque é a única música que tu vai ter que ter o maior cuidado pra fazer aquela música ali”. As outras que eu estou fazendo é pras meninas evoluírem, arrebentar, pra ir pra cima, dançar, pra chamar o povão. E essa daqui é pra tu pegar ponto, então tu fica só com ela, por favor. Aí a gente faz essa divisão e sempre deu certo.

(15m52s): Pra você ter ideia, o ritmo das músicas do *Festribal* ele é único. Ele foi feito para o *Festribal*, essa batidinha de três (cantarola), só tem no *Festribal*, não tem em outras localidades.

(36m18s): Primeiro essa batida (som da batida), tem que ter isso daqui, tem que ter. Não pode virar virar cuximaura, guitarrinha lá de qualquer maneira não, tem que ter a batida que é a pisadinha no pé, a batida do pé no chão. O resto do segredo não vou contar não (risos).

BLOCO 11

RAINHA DO ARTESANATO - LAYANNE SOUZA:

(00m31s): Eu sou a Rainha do Artesanato pela Associação Tribo Tukano.

(01m03s): A Rainha do Artesanato, ela representa... Como eu posso dizer, a nossa cultura né, com as nossas pinturas, nossas sementes, nosso tucum. E a mensagem também que ela passa, é a valorização da nossa arte dentro da quadra.

(04m48s): O que não pode faltar são principalmente nossos artesanatos, na nossa indumentária né. E também a gente ser uma pessoa simpática, a gente é rainha, a gente tem que se comportar, ser uma pessoa simpática, ter aquele gingado,

aquele delicado principalmente, nas mãos, e não... desse jeito sabe. Não dançar muito, ser delicado, completamente delicado, que a gente é rainha.

(09m57s): O estudo do teu item, o que fazer com ele, o que não fazer. Como posso me comportar, como não. E assim a gente vai ensaiando.

(13m24s): Que a gente tá montando minha roupa né. A gente tá indo devagarzinho, vai montando pra não ser uma coisa repetitiva, pra não ser igual das outras rainhas. Pra ser uma coisa nova né. Botar uns aturais bem grandão, fazer artesanatos diferenciados e uma pintura diferenciada neles.

(17m38s): Os ensaios, eles são árduos né. A gente está ali com nosso coreógrafo. É uma atenção que a gente tem que dar né, tem que se preparar tanto no físico e no emocional né. Por que se caso a gente venha a tirar uma nota que a gente não está esperando, então a gente tem que estar preparado pra isso também. Então é o preparo emocional e físico principalmente.

(20m43s): Valorizar a nossa cultura, os nossos ancestrais, a cada detalhe do nosso hoje. Daqui uns anos pode assistir, muita coisa está acontecendo, então valorizar nossos ancestrais, as nossas raízes e as nossas etnias.

CENAS DE ARQUIVO DA PARTE DO QUESITO RAINHA DO ARTESANATO

----- BLOCO 12

RITUAL DO PAJÉ - ELIEZER:

(00m25s): Eu represento o Pajé da Baré... Faz 10 anos

(00m40s): O Pajé é o curandeiro da tribo, ele é o responsável de fazer os benzimentos e tirar o mal das pessoas que estão doentes ou que estão com algum mau efeito no corpo no caso.

(04m56s): No caso eu sou o Pajé artístico né. Então eu entro na agremiação visando a cultura, então a gente aprofunda bem sobre o que a gente vai apresentar, o que a gente está representando nesse exato momento. A partir desse momento a gente faz o que? A gente vai atrás dos pajés verdadeiros e pra saber como fazer o grande ritual pra ter a apresentação neste grande momento.

(07m16s): Quando foi a etnia Yanomami, eu procurei o pajé deles e conversei bastante com ele. Verifiquei como era o ritual deles, entrei e fiz uma pajelância de acordo com nosso tema.

(15m49s): É engrandecedor, é muito engrandecedor. Por causa que, eu tô representando minha etnia né. Então nesse caso é sem explicação por que na verdade pra mim é emocionante até hoje.

(21m33s): A Baré, ela surgiu de uma brincadeira nossa que até hoje estamos ai nela. Então, quando eu entro na arena por mais que seja a apresentação, ela é forte né. Então eu procuro entrar num personagem e através disso trazer uma excelente apresentação pra Baré.

CENAS DE ARQUIVO DA PARTE DO QUESITO RITUAL DO PAJÉ

BLOCO 13

CUNHÃ-PORANGA - IVANA GABRIELY:

(ms): Hoje eu sou Cunhã-Poranga da Agremiação da Tribo Tukano.

(ms): A cunhã-poranga, ela é a uma guerreira, demonstra força, beleza... Não é só a beleza... Ela demonstra também a força da mulher indígena, que nós estamos aqui pra segurar a de cada um e mostrar que é isso... Ela representa a garra a força da mulher indígena.

(ms): Minha história com o *Festribal* começou em 2012 quando eu fui cunhã-poranga da cidade. Eu tinha eu acho que 15 ou 16 anos na época. Fiquei um tempo sem dançar, eu morei fora, morei em outra cidade. E quando voltei entrar de novo pra representar a minha etnia mesmo que é a Tukano.

(ms): Em 2012 eu era muito nova então tipo pra mim não foi assim uma coisa grandiosa, eu sabia que era uma coisa muito boa assim, mas eu não dava muito valor tanto como eu dou hoje né. Hoje em dia eu tenho uma outra maturidade sobre a minha cultura indígena, sobre tudo isso assim, as agremiações. Nossa... Eu sou muito honrada de poder ter representado a cunhã-poranga da cidade. Mas hoje eu me sinto mais honrada de representar a minha etnia tukano.

(ms): A cunhã-poranga da cidade ela representa a cidade só né, as meninas vão lá disputam, acontece a disputa e acabou ai. Tu não se apresenta em agremiações no *Festribal* nem nada.

(ms): Com toda certeza a cunhã que passou e fez total diferença na Agremiação Tukano foi a Simone, ela veio mostrando toda a originalidade de verdade. Botou os seios pra fora na arena, entregou, levou chicotada, levou tudo que tinha pra

acontecer, ela foi e fez e eu sou super fã dela assim, por que ela se entregou na agremiação. Eu acho que ela fez total diferença.

(ms): A chave de tudo pra mim, começou quando... Eu já fui miss São Gabriel também né. E uma vez no *Festribal* eu estava assistindo a apresentação lá de cima e eu fiquei super emocionada vendo as meninas dançando sabe, tudo muito lindo, tudo muito... Tipo: Nossa eu tenho que dançar, eu tenho que participar disso sabe. E entrei como um dos melhores itens né? Como cunhã-poranga, só coisa boa, só agradecer.

CENAS DE ARQUIVO DA PARTE DO QUESITO CUNHÃ PORANGA

BLOCO 14

BRINCANTE ASSOCIAÇÃO CULTURAL TRIBO BARÉ - LUCILENE PERREIRA:

(ms): A minha primeira lembrança do *Festribal* foi quando a gente foi campeão. Um dos temas que eu falo da agremiação, que sempre me tocou mais foia do tema “Yanomami”, porque parecia que a gente estava mesmo, sabe, entrou na quadra como povo yanomami mesmo. Muita gente pensou que quando as mulheres entraram na quadra eram os yanomamis mesmo. Só que não, eram os brincantes porque nossa vestimenta não estava parecida, estava similar né, pra dizer bem a verdade, do povo Yanomami. Então foi um tema que eu me senti privilegiada em representar esse povo que eu não conhecia, eu como indígena não conhecia esse povo totalmente, hoje em dia eu conheço pouco que esse povo Yanomami tem uma cultura vasta. Então, pra mim essa foi a apresentação marcante no *Festribal*.

BRINCANTE ASSOCIAÇÃO CULTURAL TRIBO BARÉ - ROBSON DELGADO:

(ms): Minha maior lembrança hoje do *Festribal*, parando pra pensar... É em 2015, o *Festribal* é em setembro e em março daquele ano uma grande... Uma das grandes pensadoras da Agremiação Baré, das fundadoras da Agremiação Baré, ela faleceu. E esse ano homenagearam ela. E ela foi uma professora minha, ela me deu aula de tukano na.. no pré 2. E eu me lembro daquela sensação quando o animador entra primeiro na quadra, e falou o que ia ser homenageado aquela noite, e quando ele falou o nome dela... todo mundo começou a ficar emocionado. Ela realmente é uma peça muito importante dentro da minha vida no *Festribal* porque no meu primeiro ano a minha roupa deu um errinho e ela que foi lá consertar... Ela estava muito atenta a tudo. Ela sempre estava presente em todos os momentos, em todos os detalhes.

Ela era uma pessoa fundamental pra não deixar a originalidade cair porque é uma coisa que o *Festribal* tem ao longo dos anos, a originalidade vem caindo um pouco, mas ela era uma das pessoas que queria que isso não acontecesse. E nesse *Festribal*, em 2015 quando falaram que ela ia ser homenageada, eu não sei explicar a sensação, mas o coração de todo mundo, eu acho deu um aperto, a gente ficou muito alegre em poder de alguma forma uma pessoa que foi importante pra todo mundo ali.

BLOCO 15

CENAS DE ARQUIVO DE DIVERSOS FESTRIBAIS

NARRADOR:

Cada pessoa que já participou do *Festribal*, o define em uma palavra principal, essa palavra marca a sua vivência nessa festa cultural, cheia de mitos, lendas e tradições. E marcada por muita...

JOSIANE MARQUES:

(21m44s): Amor

SANY BRASIL:

(ms): Magia

ALINE FONTES:

(ms): Tradição

CENAS DE ARQUIVO DE DIVERSOS FESTRIBAIS

TRILHA DO CARIÇU

NARRADOR:

Diante de tantas expressões e significados, vemos que essa festa representa para cada pessoa uma coisa diferente. Uma festa única, representativa e cultural. Ela é apenas o *Festribal*...

TRIBUTO A SUZANA E PEDRO VICENTE

CRÉDITOS:

Argumento e direção: Robson Chaves Delgado

Narradora: Romário Chaves e Olga Chaves

Câmera (entrevistas): Robson Chaves Delgado

Câmera (drone): Kildeir Monteiro e Robson Delgado

Imagens cedidas: Prefeitura de São Gabriel da Cachoeira, Samantha Alves, Sioduhi Studio, Agustin Kammerath.

Áudio: Robson Chaves Delgado

Montagem: Robson Chaves Delgado

Edição e finalização: Robson Chaves Delgado

Agradecimentos: Associação Cultural Filhos do Rio Negro, Associação Cultural Tribo Baré, Associação Cultural Tribo Tukano, Elson Faxina, Erika Dinniz, Marcelo Garson, Marcilene Chaves Delgado e Mathias Gonçalves.

Entrevistados: Aline Fontes, Conde Aquino, Cláudia Ferraz, Eliezer Silva, Fábio Farias, Ivanna Gabrielly, Josiane Marques, Layanne Souza, Lucilene Perreira, Lorenzo Prado, Robson Delgado, Sany Brasil e Valdir Miranda.